

Impresso Especial

9912202858/2008-DR/RJ

APPAl

---CORREIOS---



IMPRESSO



A África é a dona da bola em 2010

Continente africano mostra ao mundo como a diversidade pode ser um caminho para o desenvolvimento

www.appai.org.br

Educação financeira para os filhos

José Arnaldo Favaretto*

Pais que hoje têm filhos na infância e na adolescência provavelmente viveram o auge da hiperinflação no Brasil, período em que um dos principais objetivos era consumir rapidamente tudo o que fosse possível, pois os preços aumentavam em ritmo frenético. Desde 1994, a estabilidade monetária tornou-se realidade e está cada vez mais em alta o consumo inteligente.

Em primeiro lugar, é importante que o assunto “dinheiro” seja conversado e discutido em família, sem tabus. Os limites do orçamento familiar precisam ficar claros, e o envolvimento de todos é importante, assim como a definição de prioridades e dos grandes projetos familiares.

Um exercício prático é dar uma quantia fixa de dinheiro à criança, com uma periodicidade preestabelecida, semanal ou mensal. O pequeno economista deve ser orientado sobre como administrar suas contas, incluindo hábitos como pesquisar preço – para entender o que é caro e barato – e poupar, definindo objetivos de curto e de longo prazos, como comprar roupas e brinquedos.

Ele (ou ela) precisa ser responsável pelas escolhas que faz. Se, apesar das conversas, os filhos gastarem todo o dinheiro antes do fim da semana ou do mês – e pedirem mais –, os pais precisam ser firmes e dizer não. Todavia, de nada adiantará o discurso se as crianças e adolescentes constatarem que seus pais consomem por impulso e sem planejamento. É preciso se policiar para evitar compensar com presentes determinadas ausências ou a impossibilidade de dedicar mais tempo à família. É importante haver critérios e parcimônia, já que o excesso de mimos dificulta o entendimento prático das dificuldades que nossos filhos enfrentarão na vida adulta.

Quando os pais refletem e desenvolvem ações que contribuem para a educação financeira dos filhos, estão, no mínimo, favorecendo o amadurecimento de conceitos como organização, planejamento, disciplina e entendimento da relação de causa e efeito. Estes são ganhos inestimáveis para a formação de cidadãos cada vez mais bem preparados para a tomada de decisões conscientes sobre o consumo.

***José Arnaldo Favaretto** é diretor de Sistemas de Ensino da Editora Saraiva.

Pensar

Beatriz Rodrigues*

O pensamento se modifica na adolescência. O jovem se sente atraído por tudo, janelas e portais, reais ou imaginários, que o lançam a desafios, que o levam a desmistificar, criar e recriar as verdades; tudo o que o impulsiona a viver esse momento de mudanças radicais. Venho observando, através da clínica de adolescentes com dificuldades escolares, que o excesso de informações chega até eles através de *blogs*, *orkut*, *facebook*, *twitter*, *msn* e *sms*, além dos inúmeros vídeos e *sites* que informam e formam. Vejo um novo modo de pensar, que obtém as informações e as sintetiza.

Nessa época a maturação cerebral se enfatiza num processo acelerado de reorganização estrutural e funcional, provocando a evolução da linguagem, da capacidade de comunicação, dos processos cognitivos e da memória. Enfim, o pensamento hipotético-dedutivo se consolida na adolescência.

Desenvolvimento acelerado, amadurecimento sexual e mudanças significativas no contexto social e familiar são desafios do adolescente. Todos esses fatores dificultam a atenção e desregulam o sono, o que interfere na aprendizagem, principalmente por esta ser uma fase difícil na vida escolar, com tantos conteúdos, tantas exigências acadêmicas e sociais da vida.

A escola é uma instância formadora que serve como campo de experimentação social representando um papel, não só no que tange ao desenvolvimento cognitivo, como também na construção da identidade individual e grupal. Conteúdos escolares estão permeados por princípios éticos e morais, bem como pela noção de alteridade. A escola nesse papel não disputa o interesse do adolescente por aprender, se mantendo de lado num momento de tamanho desenvolvimento cognitivo.

Sintetizar as informações recebidas está circunscrito no conceito de pensar? Para mim, pensar é questionar-me diante de algo e de modo crítico encaixar esta informação no que entendo de mundo. Como diz Piaget, para aprender é necessário um processo de assimilação e acomodação. Então me questiono: Será que uma das raízes das dificuldades escolares seria a falta do exercício do pensar? Estamos ensinando nossos jovens a pensar? Estamos pensando?

***Beatriz Rodrigues** é psicanalista, psicopedagoga e pedagoga.

Por que a escola brasileira precisa da Aprendizagem Sistêmica?

Aline Tosini*

O sistema educacional brasileiro – e mundial – passa por quatro crises distintas que, a cada dia, tornam-se mais intensas. Tais crises refletem o cenário mundial: globalização, recente urbanização, migrações, diferenças culturais – mais, principalmente, num país como o Brasil, onde a maior parte da população é formada por grupos miscigenados –, além das novas tecnologias de informação.

Porém, de que forma esses fatores afetam a educação no Brasil e no mundo? Como o próprio cenário mundial interfere de maneira muitas vezes negativa no cenário educacional? De acordo com o Relatório da Pesquisa sobre o Sucesso e Fracasso Escolar no Ensino Fundamental, desenvolvido pela Unesco/Brasil, com apoio do Ministério da Educação e Cultura e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, é possível observar que, há pelo menos 60 anos, pouco tem sido feito para mudar o quadro de altas taxas de reprovação e evasão escolar.

Logo, se tal perspectiva se mantém por tanto tempo, precisamos contextualizá-la historicamente a fim de abolirmos a ideia de que essas problemáticas são naturais e, assim, não devem ser questionadas. Envolver e motivar o aluno do século XXI envolve não somente a atualização da prática pedagógica e a formação do professor, mas também a escolha assertiva da metodologia a ser aplicada na sala de aula.

A metodologia de ensino da Aprendizagem Sistêmica foi desenvolvida sob evidências científicas de que dois tipos de habilidade têm enorme influência sobre o sucesso pessoal e profissional de uma pessoa. O primeiro grupo refere-se às capacidades cognitivas, aquelas relacionadas ao QI. Igualmente relevante, o segundo grupo apresenta habilidades emocionais, relacionadas à motivação e ao convívio social. Embora, por muitos, o segundo grupo seja considerado menos importante, no programa da Aprendizagem Sistêmica ele é visto de forma tão relevante quanto o primeiro.

Há mais de trinta anos, a Aprendizagem Sistêmica vem transformando a educação e a vida de muitos alunos ao redor do mundo. Suas experiências de sucesso comprovam que o desenvolvimento pleno dos alunos atinge pontualmente o desempenho escolar.

***Aline Tosini** é consultora de Educação da Vitae Futu- rekids.



Conselho Editorial
Ednaldo Carvalho
Julio Cesar da Costa

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685/JP)

Coordenação Pedagógica
Rebeca Carvalho

Colaboração
Cláudia Sanches, Sandra Martins, Tony Carvalho
e Wellison Magalhães

Fotografia
Marcelo Ávila, Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade
Bimestral

Tiragem
70.000 (setenta mil)

Impressão
Gráfica Ediouro

Produção
Jatobá do Rio Assessoria de Comunicação Ltda.

Distribuição
Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/222
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br
Tel.: (21) 3983-3200

Casa da Ciência

Um local onde a ciência se apresenta como objeto de exame das espécies, quebrando paradigmas e popularizando o saber científico-cultural adquirido via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos ligados às diversas áreas do conhecimento. Vamos adentrar a Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ – inaugurada há 15 anos, no bairro de Botafogo. Um dos pontos mais conhecidos do Rio de Janeiro pela famosa imagem da Enseada de Botafogo, enamorada pelo morro do Pão de Açúcar.

Ao longo de sua trajetória a Casa da Ciência vem se constituindo como um centro de popularização da ciência, cujas ações exploram as diversas áreas do conhecimento através de linguagens variadas – teatro, exposições, música, oficinas, cursos, palestras, seminários e audiovisual. De acordo com a Instituição, o grande desafio tem sido motivar o público a fazer suas próprias descobertas a partir de atividades que o convidem a buscar respostas e incitem a sua curiosidade.

Diluído num espaço de 3.000 m², a Casa oferece exposições, mostras, encontros, palestras e um vasto catálogo de eventos culturais, entretenimento e lazer para um público bastante diversificado, isto é, crianças, jovens, adultos e grupos de terceira idade. O visitante é atraído pela diversidade dos temas apresentados, pela beleza plástica das exposições e pela possibilidade de entrar em contato com um mundo novo, onde ele é o personagem principal.

Exposição

Energia Nuclear – até 27 de junho de 2010.

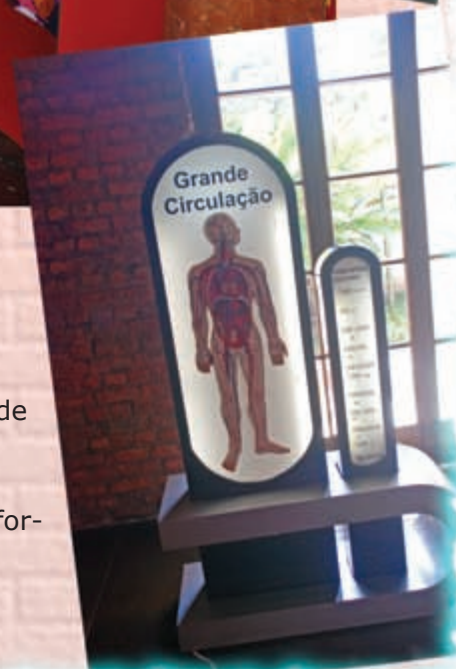
O visitante tem a oportunidade de ver e aprender mais sobre Energia Nuclear e seus benefícios à sociedade. Além dessa mostra, a Casa da Ciência oferece outros vários projetos, cujas exposições têm como objetivo proporcionar um canal de ligação entre a comunidade acadêmica, a sociedade em geral e suas instituições públicas e privadas. O visitante também pode aprender, por exemplo, o que o Carnaval tem a ver com ciência. Inicialmente essa pergunta pode parecer estranha, mas, para a disseminação do conhecimento, nada melhor que uma festa tão popular quanto essa para discutir temas que unam arte e ciência.

Marcação de visitas:

Para agendar visitas de grupo, marque um horário através do telefone (21) 2542-7494, das 9 às 17h, de segunda a sexta, com Carminha.

Funcionamento: de terça a sexta, das 9 às 20h. Sábados, domingos e feriados, das 10 às 20h. Mais informações: escolas@casadaciencia.ufrj.br

Fotos: Marcelo Ávila - Arquivo do Jornal Educar



Dislalia

Conhecido como um dos transtornos mais comuns na primeira infância, a dislalia é um distúrbio na fala, em que a pessoa tem imensa dificuldade em articular as palavras que precisa pronunciar. Assim, acaba por trocar, omitir, distorcer, proferindo de forma errada os fonemas ou sílabas.

Em grande parte, a dislalia acontece ainda na infância, pois é o momento em que está em curso o aprendizado da fala. Segundo Simon Wajntraub, professor de oratória e fonoaudiólogo, um dos principais fatores é o emocional, como ocorre, por exemplo, nos casos de ciúme entre irmãos. Há também o fato da convivência com pessoas que não pronunciam as palavras corretamente (aquelas que dizem: "pobrema", "framengo", "blincadeira", entre outros termos que cotidianamente estão no vocabulário no meio social em que determinadas crianças estão inseridas).

Mesmo não constituindo uma relação direta, algumas crianças podem apresentar postura indevida da língua e flacidez, ocasionadas, muitas vezes, por situações como a de quem utilizou por muito tempo a mamadeira ou a chupeta e, até mesmo, crianças que não conseguiram ser amamentadas por um período considerável, o que pode causar alterações em funções como a mastigação e a respiração.

Existem basicamente três tipos de dislalia: funcional, orgânica ou audiógena. Vamos conhecer cada uma delas.

- Dislalia Funcional é a mais encontrada. Neste caso, o problema ocorre apenas através da alteração dos fonemas, porém a criança sabe o significado das palavras, mesmo estando erradas.
- Dislalia Orgânica se dá quando há alteração fisiológica dos órgãos articulatórios (falha na arcada dentária, língua acima do tamanho normal, lábio leporino) ou então alguma diferença anatômica. Quando essas malformações ocorrem, a criança tem muitas dificuldades em articular alguns fonemas.
- Dislalia Audiógena ocorre com pessoas que apresentam um nível de audição mínimo, o que ocasiona a confusão de sons. Conseqüentemente a fala é produzida incorretamente devido à pequena capacidade de percepção sensorial dos estímulos e à dificuldade do ouvido em decompor e perceber sons de pequena intensidade ou muito próximos entre si.

O tratamento adequado a ser aplicado em casos de dislalia é o trabalho de uma equipe multidisciplinar, que envolve o fonoaudiólogo – que

é quem vai comandar o processo – e outros profissionais cujo auxílio seja requisitado após uma anamnese, ou seja, um estudo sobre a vida da criança. No entanto, vale lembrar que a família interfere de forma muito relevante no processo de acertos na pronúncia.

É muito comum crianças enunciarem palavras como, por exemplo: "pepeta" (chupeta), "tota-tola/cocola" (Coca-Cola) ou "totô" (cocô), entre muitas outras, que são pronunciadas de forma infantilizada, o que ocorre com naturalidade, já que estão adquirindo o processo da fala. Neste caso, as pessoas em volta precisam pronunciá-las corretamente, a fim de que a criança entenda que a sua forma de falar é diferente daquilo que está ouvindo.

É importante dizer que uma criança menor de quatro anos de idade geralmente apresenta falhas na pronúncia, e isso é considerado normal, pois faz parte do desenvolvimento da linguagem infantil. Nesses casos, geralmente não há necessidade de grandes preocupações, já que sua fala está em processo de crescimento, evolução, ou seja, o tempo ainda é apropriado para a necessária elaboração e construção da fala. Porém, como foi dito acima, é preciso que as correções sejam feitas pelas pessoas

próximas, e que o modo de falar não seja encarado como "gracinhas", por se tratar de crianças. Se as pronúncias erradas persistem até os quatro anos, um especialista precisa ser consultado, neste caso, o fonoaudiólogo.

Enquanto isso, em sala de aula, o professor deve pronunciar com bastante clareza as palavras, para que as crianças consigam perceber bem os fonemas que foram utilizados. Outra dica bastante pertinente é que, ao ouvir o aluno falando errado, o professor deve evitar repetir a palavra errada. Apenas fale o correto, para que não haja mais "confusão" em relação às pronúncias dos fonemas.

TOMALA QUE A
MAMÃE TLAGA
TOTA-TOLA PA
MIM DA LIA*

Referências bibliográficas:

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. *Cadernos CEDES* nº 28, Campinas: Papius, 1993.

DUBOIS, Jean. *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Ed. Librarie Larousse (1973), trad. port. Dicionário de Linguística. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

HAUFMAN, Diana. A natureza e sua aquisição. In GERBER, Adele. *Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: sua natureza e tratamento*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. pp. 51-71.

JAKUBOVICZ, Regina. *Fonoaudiologia: dissonia, disartria e dislalia*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

PRÉNERON, Chistiane. *Distúrbios da linguagem oral e da comunicação na criança*. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 63-83.

<http://br.guiainfantil.com>, consultado em maio de 2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dislalia>, consultado em maio de 2010.

<http://www.boasfalas.com.br/dislalia.html>, consultado em maio de 2010.

*Tomara que a mamãe traga coca-cola pra mim da rua.

Desenvolvimento sustentável: uma via de conservação da vida

Claudia Sanches


Reaproveitar, reciclar, não desperdiçar água, energia, usar meios de transporte alternativos. Todos os dias somos bombardeados por esse discurso que chamam de sustentabilidade. Mas será que as crianças e jovens realmente assimilam e vivenciam essas práticas? Esse era o questionamento da educadora Norma Portugal, coordenadora pedagógica do Centro Educacional Silva Carneiro, localizado em Padre Miguel.

O intuito de despertar nas crianças e adolescentes o real interesse pelo planeta e mostrar como cada um pode contribuir para um futuro melhor foi a principal motivação do projeto *Preservação do meio ambiente em busca da sustentabilidade*, desenvolvido com alunos da pré-escola até o 9º ano e que contou com a participação de todo o corpo docente.

Segundo explica Norma Portugal, a necessidade de abordar esse tema é imprescindível, uma vez que os jovens são o futuro do planeta. “A ideia é fazer com que a comunidade contribua para resgatar um modo de vida que respeite a natureza. Acho que o papel da educação é fundamental na mudança de comportamento para um desenvolvimento mais sustentável”, justifica.

Para explorar o conceito de sustentabilidade, cada professor planejou as atividades com base em um subtema





e aproveitou bastante a criatividade dos estudantes. Na Educação Infantil a temática foi “O planeta é nossa casa”. Sob a forma de oficinas, as crianças confeccionaram animais e flores de materiais recicláveis. De forma bastante lúdica, retrataram a fauna e a flora e demonstraram como é possível retirar o lixo da natureza. No Ensino Fundamental as turmas do primeiro ano falaram sobre a poluição das águas e das enchentes e sua relação com o lixo que a população joga nos rios. Já as turmas do segundo ano abordaram a ideia de que o grafite pode ser visto sob um ponto de vista artístico, que não se confunde com a pichação. Muitos jovens puderam mostrar seus talentos e manifestar sua criatividade através de sua arte gráfica. O 3º e 4º anos falaram sobre as vantagens de se reaproveitar as cascas de frutas e legumes, que fortalecem o organismo e diminuem a quantidade de lixo na natureza.

A partir do 6º ano o tema explorado foi “Ser ecológico é...”, onde foram abordadas as várias maneiras de utilização da energia e o funcionamento das usinas hidrelétricas. O 7º ano mostrou as mais incríveis formas de produção de objetos utilizando caixas de leite, garrafas *pet*, jornais e revistas usadas. Os jovens não só revelaram o seu aprendizado, mas também experimentaram e inventaram muito, atraindo os olhares dos curiosos. O 8º e o 9º anos fizeram um curta sob a orientação do professor de Artes. No filme eles registraram atitudes que prejudicam o meio ambiente e propuseram diversos procedimentos de cunho sustentável.

Todos os momentos foram importantes, mas a apresentação das crianças, que além de alunos da instituição são também passistas da “Estrelinhas da Mocidade” – escola mirim da Mocidade Independente de Padre Miguel –, encantou os visitantes. Essa parceria, segundo Norma, foi muito proveitosa para ambas as instituições: “O colégio fica dentro da comunidade, e foi uma forma de nos aproximarmos da agremiação e ao mesmo tempo despertarmos o interesse dos jovens e das famílias para nossa proposta de trabalho. Todos são parceiros nessa empreitada. A escola de samba também desenvolve temas da atualidade e já tem a cultura do reaproveitamento”, lembra a coordenadora.

As produções foram apresentadas durante a culminância, uma Feira Pedagógica aberta a todos. O evento contou com a presença da bateria da escola mirim da Mocidade, o que levantou a autoestima da agremiação e da comunidade. “A presença da bateria foi um fato inusitado, pois alegrou a todos fazendo até os responsáveis caírem no samba. Os alunos se tornam multiplicadores do conhecimento já que expuseram seus trabalhos aos pais e visitantes. Promovemos uma grande integração com a população que está de alguma forma ligada à escola, e despertamos no nosso aluno mais responsabilidade com o mundo. E o melhor é saber que tudo isso ocorre através de atitudes simples, que se incorporam com facilidade na rotina de qualquer indivíduo”, concluiu Norma.

Centro Educacional Silva Carneiro

Rua Mal. Marciano, 1.831 – Padre Miguel – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21721-600

Tel.: (21) 2401-5696

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

Contribuições para a Sustentabilidade

Sempre que presenciar algum crime ambiental, denuncie! Quando você se cala, contribui para que problemas deste tipo continuem acontecendo. Faça a sua parte!

Informe-se sobre a legislação ambiental e ajude a defender nossos direitos. Saiba mais através dos sites www.ibama.gov.br e www.mma.gov.br.

É fundamental manter-se informado sobre as questões ambientais. Só assim é possível perceber, avaliar e tomar decisões para melhorar sua qualidade de vida. Lembre-se: informação é poder.

Forme e/ou participe de associações comunitárias voltadas ao meio ambiente. Desta forma você exerce seus deveres e direitos de cidadania e contribui para uma melhor qualidade de vida.

Estimule a abordagem ambiental lembrando no seu dia a dia dos 5Rs: Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Preciclar, Reeducar e Replanejar.

Reduza o seu consumo ao mínimo necessário, assim você gasta menos água, energia e matéria-prima e, por consequência, gera menos esgoto, calor, poluição, desmatamentos e outros problemas ambientais.

Desenvolva o hábito de reutilizar materiais. Desta forma você ajuda a reduzir a produção de lixo. Sempre que encontrar locais onde a coleta seletiva estiver implantada, colabore: separe o lixo nos respectivos coletores e faça sua parte ajudando na reciclagem.

Fonte: <http://www.saoluis.org/compensar/dicas-ambientais/dicas-ambientais-40-contribuicoes-pessoais-para-a-sustentabilidade/>

Os segredos dos

BONS PROFESSORES

O que todos nós temos a aprender com os mestres dedicados, capazes de transformar nossas crianças em alunos de sucesso



Foto: Arquivo Journal Educar

Camila Guimarães

De uma carteira na penúltima fileira da sala de aula, lembro alguns conceitos de Matemática que tanto me assustavam anos atrás. A minha volta estão cerca de 30 alunos do Ensino Médio de uma escola de primeira linha de São Paulo. O professor João (o nome é fictício, e você já vai entender por que) dá uma boa aula. As fórmulas, as equações, os problemas se sucedem. Minha intenção não é reaprender Matemática, e sim entender como atua um bom professor. João foi indicado pela direção da escola como um dos melhores.

Prender a atenção de um bando de adolescentes às 8 horas da manhã, com esse tema, já pode ser considerado um feito. E João conquista a quase unanimidade dos olhos grudados no quadro verde, onde resolve um exercício. Só dois grupos pequenos travam conversas paralelas (sobre a própria matéria) – e uma menina dá uma cochilada, a três carteiras de mim. Estou ali, tentando perceber os segredos de uma boa aula, quando escuto um diálogo cochichado:

- Não consegui fazer a maioria dos exercícios, acho que vou passar o resto da semana no plantão de dúvidas.
- Você já teve aula com o professor Fernando?
- Ainda não.
- Ele é demais, o melhor professor que eu já tive.
- Ele é legal?
- Não é isso. É que ele explica tudo de um jeito que a gente consegue entender.

A diferença entre esses dois professores – um bom, o outro óti-

mo – é o fator de maior impacto na educação. Não é que não seja importante ter computadores, visitar pontos históricos ou culturais, adotar bons livros e apostilas ou manter poucos alunos nas salas de aula. É. Mas, como revela um conjunto de estudos recentes, nada tem tanto efeito sobre o aprendizado quanto a qualidade do professor.

Fatores genéticos podem ser responsáveis por diferenças notáveis no desempenho de uma criança na escola. Mas eles só se manifestam se o professor for bom, diz um estudo da Universidade da Flórida, publicado na edição deste mês da revista *Science* (O estudo analisou os níveis de leitura de gêmeos que estudavam em classes diferentes. Os que tinham professores piores – medidos de acordo com o resultado geral da sala – não atingiam o nível dos irmãos, com carga genética idêntica.) Esse resultado põe em xeque o mito de que bons alunos se fazem sozinhos.

Outro mito – a existência de alunos para quem o conteúdo é impenetrável – cai por terra diante das experiências de instituições de ensino nos Estados Unidos expostas em dois livros recém-lançados: *Teaching as leadership: the highly effective teacher's guide to closing the achievement gap* (Ensinar como um líder: o guia do professor supereficiente para diminuir o déficit de aprendizado), de Steven Farr, e *Teach like a champion: 49 techniques that put students on the path to college* (Ensine como um campeão: 49 técnicas que colocam os estudantes no rumo da universidade), de Doug Lemov (Mais detalhes sobre eles e seus autores daqui a cinco parágrafos). Para que o conteúdo seja aprendido por todos, porém, é preciso haver professores excelentes. Não apenas bons. Excelentes.

Uma análise do economista Eric Hanushek, da Universidade Stanford, revela que os professores entre os 5% melhores ensinam a seus alunos, a cada ano, o conteúdo de um ano e meio. Na outra ponta, os professores do grupo dos 5% piores ensinam apenas metade do que deveriam.

A discussão sobre a qualidade dos professores já está instalada no Brasil. É o cerne de uma batalha entre os sindicatos de professores, que exigem melhores salários e condições de trabalho, e algumas secretarias estaduais, que tentam implementar um sistema de meritocracia, similar ao vigente naqueles países que mais se destacam nas avaliações internacionais de ensino, como Finlândia e Coreia do Sul. Tal sistema já apresenta bons resultados. São Paulo adotou, em 2008, um programa de bonificação para escolas, diretores e professores cujos alunos melhoram o desempenho em provas. Em apenas um ano, o número de alunos da 4ª série que não conseguiam fazer contas básicas de soma e subtração caiu de 38% para 31%.

“Medir o resultado e premiar os melhores é o caminho certo para tornar a carreira de professor mais atraente”, diz Fernando Veloso, economista e especialista em Educação. Mas o sistema é ainda incompleto. “Nenhuma das avaliações considera a ação do professor em sala de aula”, diz Paula Louzano, especialista em educação e consultora da Fundação Lemann, organização dedicada à melhora do nível do ensino.

Avaliar o desempenho individual dos professores permitiria não apenas premiá-los de forma mais justa e eficiente, mas também fazer algo ainda mais importante: entender como eles trabalham – e estender sua experiência aos demais. Porque, se é verdade que todo aluno pode aprender, é lógico acreditar que todo professor tem condições de tornar-se ótimo.

Premiar os bons professores e punir os ruins é essencial. Mas fazer apenas isso não basta para chegar a um ensino de qualidade. É aí que entram em cena os dois livros recém-lançados nos Estados Unidos. O primeiro, *Teaching as leadership*, foi escrito por

Steven Farr, o responsável pela difusão de conhecimento da organização *Teach for America*, que dá aulas em escolas públicas para crianças de comunidades carentes. Em duas décadas de atuação, a *Teach for America* formou 25 mil professores, que deram aulas a 3 milhões de alunos. Mais do que apenas ensinar, a *Teach for America* vem colecionando dados sobre os professores mais eficientes. Suas técnicas, seus métodos, sua formação, como se preparam para o trabalho. Dessa análise surgiram o que Farr chama de seis pilares do ensino:

1) traçar metas ambiciosas com a turma, como: “este ano vamos avançar dois níveis em um” ou “todos os alunos desta sala vão tirar mais que 9 no exame nacional” (não metas vagas, como “vamos aprender o máximo”);

2) envolver alunos e famílias, a ponto de traçar com os pais planos de incentivo individualizados para as crianças;

3) planejar com cuidado as aulas;

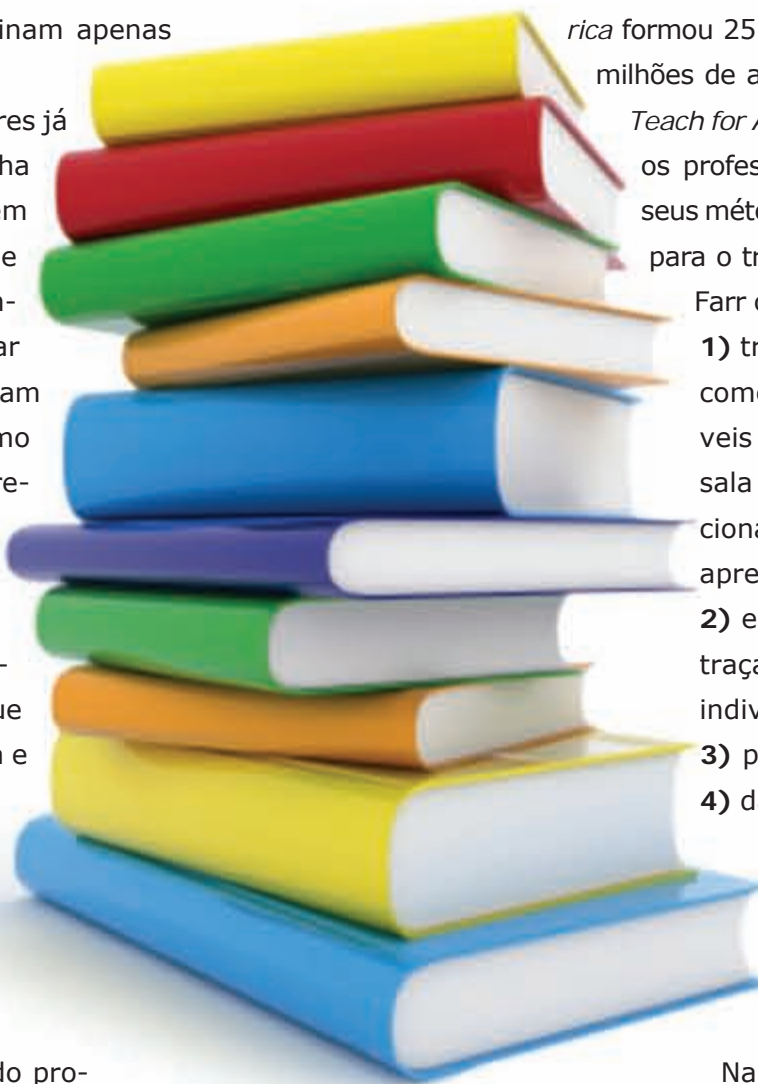
4) dar aulas com eficiência, aproveitando cada minuto e cada oportunidade;

5) aumentar a eficiência sempre;

6) trabalhar incansavelmente, porque cada um dos itens anteriores dá muito, muito trabalho.

Na mesma linha, o educador Doug Lemov lançou no início deste mês o livro *Teach like a champion*. Lemov dirige a Uncommon Schools (Escolas Incomuns), uma associação de 16 escolas que ensinam crianças principalmente de famílias carentes. “Uma de nossas missões é diminuir a distância na taxa de aprendizado entre ricos e pobres”, diz Lemov. Eles têm conseguido. Em 2009, 98% dos alunos da Uncommon tiraram notas acima da média estadual de Nova Iorque em Matemática. Na avaliação de inglês, foram 80%.

O livro de Lemov nasceu de uma inquietude dos tempos em que trabalhava como consultor e era chamado por diretores aflitos com a qualidade ruim de suas escolas. Por que alguns



Avaliar o desempenho individual dos professores permitiria não só premiá-los de forma mais justa, mas também fazer algo mais importante: entender como eles trabalham

O livro de Lemov nasceu de uma inquietude dos tempos em que trabalhava como consultor e era chamado por diretores aflitos com a qualidade ruim de suas escolas. Por que alguns

professores conseguiram ensinar tão mais que outros a alunos de mesma condição social? O primeiro passo para responder a essa pergunta foi identificar os professores de sucesso. Para rastreá-los, Lemov cruzou as notas de alunos em avaliações nacionais com o índice de pobreza e violência das comunidades em torno das escolas. Fez isso classe por classe, até localizar as maiores notas entre aqueles que todos acreditavam que fracassariam. “Esses são os professores campeões”, afirma. São o equivalente do técnico de futebol que seguidas vezes pega um time no intervalo perdendo de 4 a 0 e empata o jogo. Durante cinco anos, Lemov gravou suas aulas e os entrevistou. O livro é um apanhado de suas técnicas (*algumas delas estão no quadro na última página desta reportagem*).

À primeira vista, as técnicas podem parecer banais, como circular pela sala de aula ou olhar os alunos nos olhos. Assim como as técnicas de Farr, que incluem elogiar o esforço (“Você prestou atenção”), em vez do talento (“Você tem boa memória”). A professora Carolina

Maia passou a ganhar dez minutos a cada aula depois que descobriu um método para garantir a disciplina da classe da 2ª série na Escola Estadual Guilherme Kulmann, de São Paulo. Para duas meninas que discutiam por causa de um lápis de cor, Carolina apenas aponta a porta e pede que elas resolvam o problema no corredor. “Tento deixar o que atrapalha a concentração deles fora da sala”, diz. “Não posso me dar ao luxo de perder tempo”.

Muitos professores lidam com esse tipo de situação dez, quinze vezes por aula. Nesse tempo, 20% do total, não conseguem ensinar. “O universo da sala de aula é constituído por uma infinidade de pequenas ações”, diz Guiomar Namó de Mello, uma das mais respeitadas educadoras do país. “É a execução dessas ações naquele espaço, naquele tempo da aula e com aqueles alunos que distingue o bom professor.” Essas pequenas ações incluem a forma como o professor faz perguntas para a classe, o modo de passar instruções, seu grau de controle sobre as con-

versas paralelas. E podem ser aprendidas.

No caso dos professores brasileiros, não há como aferir objetivamente quais sejam ótimos. Na falta de estudos como os de Lemov e Farr, dependemos de percepções de diretores e educadores, às vezes de alunos. Contaminada pelo livro de Lemov, percebi diferenças entre o professor João, do início da reportagem (apontado como exemplo pela direção da escola), e o professor Fernando (indicado como excelente por um aluno). João conseguia a atenção da maioria dos alunos; Fernando, de todos. João, até onde percebi, não usava técnicas; Fernando tinha alguns macetes. João deixava transparecer o esforço para explicar o conteúdo; Fernando demonstrava mais empatia com os alunos, parecia entender a origem de suas dúvidas. João explicava os exercícios mais importantes; Fernando tirava dúvidas individuais. Estaria minha percepção correta, com base em apenas uma aula? Será que essas diferenças garantiriam um aprendizado melhor para os alunos de Fernando? ➔

As aulas dos campeões

Algumas técnicas dos melhores professores observadas pelo educador Doug Lemov

É certo só se estiver 100% certo

■ Continuar perguntando a mesma coisa para o aluno até que ele dê uma resposta 100% certa. O que acaba acontecendo na maioria das classes é algo parecido com o descrito neste diálogo: – Como era a convivência entre as famílias de Romeu e Julieta? – pergunta a professora. – Eles não se gostavam – responde um aluno. – Certo. Eles não se gostavam e disputavam terras havia anos, acrescenta a professora, que ainda dá parabéns ao aluno pela

resposta que ele não deu. Ao não apontar para o aluno que a resposta dele poderia ser mais completa, a professora passa a mensagem de que ele pode estar certo até quando não está – e, obviamente, isso não vai funcionar em uma prova ou no vestibular. A dica é ter paciência e insistir na pergunta, até chegar ao 100% certo. Um excelente professor sairia assim dessa situação: “Foi um bom começo, mas dizer apenas que eles não se gostavam realmente revela qual era a relação entre as famílias?”. Dessa forma, ele deixa claro que não aceita nada menos do que uma resposta

completamente correta, sem deixar de demonstrar confiança na capacidade de seus alunos.



Olho no professor

■ Os alunos não podem anotar nada enquanto o professor explica a matéria. Todos os olhos devem estar voltados para ele. Isso é mais eficiente para controlar quem está prestando atenção do que repetir 1 milhão de vezes “prestem atenção agora,

isso é importante”. Pelo simples fato de que o professor enxerga os olhos dos alunos. Ou se as canetas estão descansando sobre a carteira. Um dos maiores problemas enfrentados no dia a dia por professores é que nem todos os alunos seguem suas orientações. Podem ser orientações de como executar um exercício. Os que ficam para trás estão deixando de aprender e ainda podem tumultuar a aula. Para os bons professores, só há uma porcentagem aceitável de alunos que obedece ao que foi pedido: 100%. Menos que isso, o desempenho da classe toda estará comprometido.



O jeito certo de fazer perguntas

■ Em vez de fazer uma pergunta para toda a classe responder ou chamar apenas os alunos que levantaram a mão, escolher quem vai dar a resposta, chamando o aluno pelo nome ou apenas apontando para ele. Essa técnica não só permite que o professor cheque o que cada aluno aprendeu, como também é uma

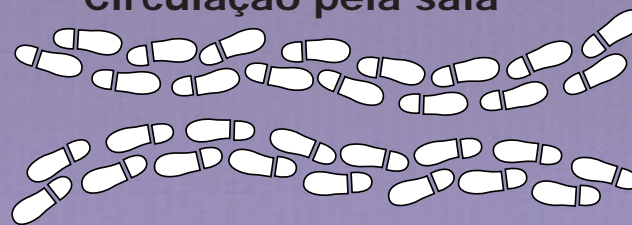
forma de mantê-los atentos – afinal, a qualquer momento, alguém pode ser chamado para responder a alguma coisa. Se esse tipo de atividade acontecer todos os dias, os alunos passarão a esperar por isso e, no médio prazo, mudarão seu comportamento. Muitos professores acham que chamar um aluno para responder a uma pergunta é “expô-lo” ao resto da turma. Mas, se a técnica for feita da maneira correta, é o jeito mais eficiente de ouvir aqueles alunos que gostariam de responder, mas hesitam em levantar a mão.

O lado positivo da bronca

■ Usar frases positivas na hora de chamar a atenção do aluno. Faz uma tremenda diferença dizer “por favor, eu preciso que você olhe para a frente”, em vez de “não olhe para trás”. Pessoas se motivam muito mais por fatores positivos do que negativos. No geral, elas agem para buscar o sucesso, e não para evitar fracassos. A técnica do enquadramento positivo pode ser aplicada durante a aula ou em uma conversa reservada com o aluno. Se outros

estudantes assistem ao diálogo entre o professor e o aluno que está sendo repreendido, o ideal é sempre assumir, a princípio, que o mau comportamento não é intencional. É mais produtivo dizer algo como “classe, só um minuto, parece que alguns se esqueceram de empurrar suas cadeiras”, do que “classe, só um minuto, alguns decidiram não empurrar suas cadeiras como eu pedi”. Isso ajuda o professor a ganhar a confiança do aluno, o que é fundamental para o aprendizado.

Circulação pela sala



■ Enquanto explica a matéria ou como resolver um exercício, o professor circula pela sala. Ao quebrar a barreira imaginária que existe entre ele e os alunos, demonstra proximidade. Durante a caminhada, aproveita para fazer perguntas individuais, corrigir ou

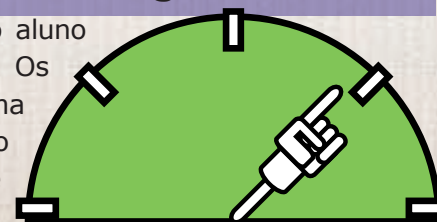
elogiar um caderno. Circular pela sala é ainda uma boa oportunidade para descobrir o que acontece quando o professor está virado de costas para a turma, ao flagrar um álbum de figurinhas aberto ou um celular ligado.

Para fisgar o aluno

■ Apresentar um novo tópico da matéria de um jeito diferente. Esse é o primeiro passo para aprender aquela lição. Para fisgar os alunos, a técnica é usar iscas como uma história, trechos de um filme ou um pequeno desafio. Por exemplo: antes de ensinar o conceito de frase completa, uma professora pede aos alunos que formem uma frase com cinco palavras dadas por ela. Depois de poucos minutos, eles percebem que é impossível executar a tarefa – porque não havia entre as palavras o sujeito da frase. A surpresa do problema sem solução manteve os alunos atentos o resto da aula.

A hora certa de elogiar

■ O elogio só deve vir quando o aluno fizer mais do que lhe foi pedido. Os professores excelentes fazem uma distinção precisa entre o que o aluno aprendeu dentro das expectativas e quanto ele as superou. Se um aluno cumpre uma tarefa corriqueira, como manter sua carteira limpa, o professor pode dizer “obrigado por fazer o que eu pedi”, em vez de “excelente trabalho!”. A banalização do elogio tem um efeito destrutivo no longo prazo. O elogio por atitudes banais acaba minando a confiança do aluno de que ele possa fazer algo extraordinário.



Não vale não tentar

■ Não aceitar “não sei” como resposta e conduzir o aluno à resposta certa – ou à melhor possível – é uma das técnicas mais simples para motivar o aluno a aprender. Uma pro-

fessora pergunta a um aluno qual o sujeito da frase “minha mãe não estava contente”; ele diz que não sabe. Então, ela se volta para a turma e pergunta qual a definição de sujeito.

Depois de ouvir que o sujeito é quem pratica a ação, ela volta para o primeiro aluno e repete a pergunta inicial. Ele então consegue responder: a mãe. A cultura do “não sei” é nociva

principalmente porque passa a impressão de que alguns alunos não são capazes de aprender. Manter a expectativa alta em relação ao aluno é fundamental para seu sucesso.

Há outra crítica às receitas de Farr e de Lemov. Ambos se basearam em crianças carentes, cujo grande sucesso é chegar ao nível das demais. Nessas condições, muitos colégios estão dispostos a tentar qualquer coisa. Até a subornar os alunos para tirar boas notas. O economista Roland Fryer Jr., da Universidade Harvard, fez exatamente isso, com resultados mistos. A pesquisa gastou US\$ 6,3 milhões, distribuídos para 18 mil alunos. Quando pagava por “notas melhores”, o resultado foi píffio. Mas pagar para ler livros levou os alunos de várias escolas a melhorar sua leitura e, conseqüentemente, suas notas.

Várias pesquisas mostram que aprimorar os métodos de ensino dos professores, como sugerem Farr e Lemov, é mais eficaz que incentivar os alunos de outros modos. A questão é: esses conselhos que parecem funcionar para crianças carentes seriam válidos para colégios de classe média e elite? Provavelmente sim, a julgar por algumas práticas de alguns dos melhores colégios do Brasil, como o Vértice, de São Paulo, e o São Bento, no Rio de Janeiro, primeiros colocados no ranking do Enem do ano passado. Ambos adotam uma das estratégias que Lemov considera essenciais: seus professores são treinados por outros professores, na própria escola.

Alexandre Simonka, de 35 anos, professor de física do Vértice, foi contratado há quase dez anos. Acabara de se formar pela USP. Antes de bater o sinal da primeira aula em que assistiu o titular da disciplina (e dono do colégio), compreendeu que toda a Física Quântica que dominava não serviria para nada. “Eu não tinha a linguagem para passar conteúdo aos meninos de 14 anos”, diz. Por três meses, teve de rever os fundamentos básicos da Física. O dono da escola serviu como seu tutor. Simonka diz ter aprendido com ele suas duas principais técnicas: nunca deixar que os alunos anotem no caderno enquanto ele explica (“não dá para dividir a atenção deles com nada”) e sempre, no final da aula, apontar o que é preciso memorizar.

Também é notável que os professores indicados como exemplares pelos colégios que procurei tenham chegado, por aprendizado próprio, a algumas das técnicas descritas por Lemov e Farr. Eis alguns exemplos.

■ Todos os dias, no começo da aula, Carolina aquieta as crianças com a seguinte frase: “Vou contar até três, e uma mágica vai acontecer”. Na primeira vez, não funcionou. Nem na segunda. Em algum momento, os alunos aprenderam a se sentar em silêncio antes de ela chegar ao três.

■ O estudante Leonardo Basile, de 17 anos, começou a competir



em olimpíadas de Matemática entre a 5ª e a 8ª séries, inspirado pelo professor Rogério Chaparin. Basile concluiu o Ensino Médio em 2009 e no início de abril estava nos Estados Unidos, escolhendo em qual das quatro universidades nas quais foi aceito vai estudar. “O Rogério sempre foi muito empolgado com o que ensinava”, diz. “E me contaminou.” Chaparin, que dá aulas de Matemática no Ensino Médio de uma escola técnica estadual de São Paulo, não dá aulas *shows*. O que seu ex-aluno enxergou como paixão é uma técnica. “Nunca passo um exercício que não tenha mais de uma solução”, diz ele. Incentivar os alunos a buscar um jeito diferente de resolver um problema é, para Chaparin, a receita de mantê-los motivados e concentrados.

■ Professor há 25 anos, Carlos Oliveira diz que suas aulas se tornaram melhores depois que ele mudou o jeito de fazer perguntas. Em suas aulas para o Ensino Médio do Colégio Bandeirantes, de São Paulo, Oliveira se dirige a cada aluno, em vez de dar a palavra apenas a quem levantar a mão. Segundo ele, isso cria uma tensão positiva nos alunos. “Eles sabem que podem ser chamados a participar da aula a qualquer momento e acabam prestando atenção na maior parte do tempo”. Para Lemov, isso é parte da receita de manter as expectativas altas em relação aos alunos. O fracasso do ensino começa quando o professor não acredita que seus alunos possam aprender. Em pelo menos duas



Foto: Arquivo Jornal Educar

ocasiões durante a aula que observei, Oliveira não se conformou com um “não sei”. Repetiu a pergunta aos mesmos alunos, até fazê-los dar a resposta certa depois de chegar a ela, com toda a classe.

■ Em suas aulas de Redação, a professora Irinéia Scota apresenta cada tema de um jeito diferente. Para escrever sobre o culto à forma física, os alunos da 8ª série do Colégio Positivo tiveram de trazer suas próprias pesquisas de casa. Reportagens, depoimentos de familiares, músicas. Ao serem apresentados ao gênero teatral, leram um trecho de *O auto da compadecida*, assistiram a um vídeo com seu autor, Ariano Suassuna, e ao longa-metragem homônimo. A classe discute tudo. Só então os alunos fazem o texto. Nessa hora, ela circula entre as carteiras, tira dúvidas individuais ou dá orientações gerais. “Eles têm chance maior de pedir ajuda e tirar dúvidas”, diz. “É impressionante como quem pede ajuda vai melhor, no médio prazo, do que quem não pede”.

■ Todos os professores observados para esta reportagem também cumprem outra recomendação de Lemov e de Farr. Suas aulas são meticulosamente planejadas. Irinéia Scota, de Curitiba, vai além. O passo a passo de seu plano de aula de redação é transparente para a classe. Os alunos sabem que primeiro vão de-

bater, depois escrever, por fim reescrever, corrigindo os erros. Ao estabelecer etapas, fica mais fácil para o aluno entender por que um recorte de jornal que ele precisa providenciar para amanhã é importante para tirar nota 10 na redação do vestibular. “Nossos melhores professores perceberam que, antes de conseguir fazer o que queremos que eles façam, os alunos têm de conseguir dizer essas ações”, escreveu Farr. “Por isso, essas ações e expectativas têm de ser ensinadas, explicadas e constantemente revistas”.

O mais impressionante nos trabalhos de Lemov e de Farr é que seus segredos do sucesso têm pouco a ver com as grandes teorias da educação. Que faculdade de pedagogia ensinaria Fabrícia Lima, professora de Português da rede estadual do Recife, que circular pela sala funciona mais do que ficar parada na frente da lousa dizendo “psssssiu”? Fabrícia perdia quase dez minutos da aula. Ao passear entre as carteiras, pede a um aluno que guarde o boné, a outro que desligue o MP3. Os alunos mais distantes percebem a acomodação e naturalmente também se preparam. “Nenhum estágio que fiz durante a faculdade me preparou para isso”, diz.

Bernadete Gatti, chefe da área de pesquisa em Educação da Fundação Carlos Chagas, investigou os cursos de Pedagogia de todo o país. Descobriu que 70% da carga horária é teoria pura – psicologia, sociologia, filosofia. “Isso afeta diretamente a capacidade do professor formado de lidar com a prática em sala de aula.” Quem sofre é o aluno – e o país, que desperdiça seus talentos do futuro.

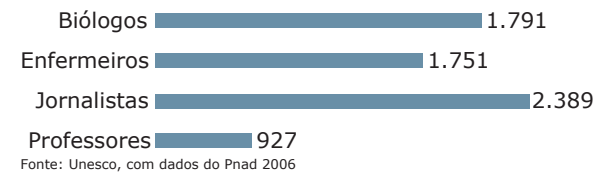
Fonte: Revista Época - 26 de abril de 2010 - Edição 623

Colaboração: Camila Guimarães

Despreparados

A saga do futuro mestre até chegar à sala de aula – sem estar pronto

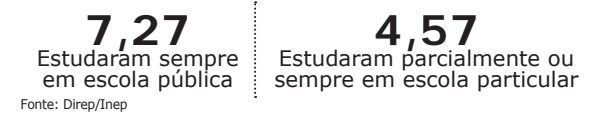
O rendimento baixo atrai pouca gente - salário médio em R\$



Quanto mais baixa a nota do Enem (2007), maior a vontade de ser professor - em %

Nota abaixo de 20	8,75%
entre 21 e 40	8,30%
entre 41 e 60	6,96%
entre 61 e 80	5,28%
acima de 80	3,43%

Alunos de escola pública são mais atraídos para o magistério - em % dos professores



Os cursos de Pedagogia têm mais aulas de disciplinas teóricas que práticas...

Práticas e metodologias pedagógicas	28%
Fundamentos como sociologia e estatística	26%
Modalidades específicas (educ. especial)	11%
Sistemas educacionais	16%
Atividades complementares	6%
Outros	13%

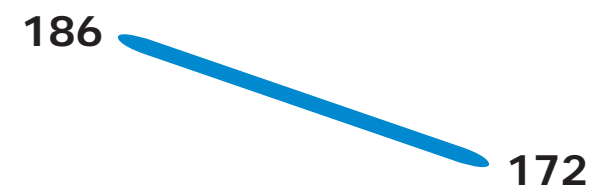
Fonte: Fundação Carlos Chagas

...o que ajuda a explicar por que, mesmo com mais mestres diplomados...



Fonte: Fundação Lemann, com dados do Censo Escolar/Inep

As notas de português não melhoraram (média do Saeb na 4ª série)



Fonte: Inep

Bem-vindo ao universo da vírgula!

Sandro Gomes*

Aparentemente ela não passa de um pequeno sinal gráfico. Para alguns ela tem a função de marcar as pausas na língua escrita ou falada; para outros ela não nada significa e não passa de um preciosismo dispensável. Para a maioria ela é sinônimo de dúvida na hora de criar textos. Mas a verdade, bem sabem os estudiosos da Língua Portuguesa, é que sua utilização é fundamental para a clareza e entendimento da mensagem escrita. Estamos falando da vírgula, esse elemento tão importante, que a sua colocação em lugar errado pode ocasionar verdadeiras tragédias linguísticas. A partir de agora vamos disponibilizar o espaço dessa coluna para estudar como usar a vírgula de maneira a dar a seus textos os melhores recursos de clareza e compreensão.

Vírgula entre sujeito e verbo. Em tese nunca se usa vírgula entre o sujeito e o verbo, salvo em algumas exceções que veremos em breve. Acompanhe o exemplo: **“Muitas pessoas, optam pelo caminho mais fácil.”** *Muitas pessoas* é o sujeito da oração. *Optam* é a ação praticada pelas “muitas pessoas”, isto é, pelo sujeito. Logo, no exemplo acima a vírgula está errada. O correto é: **“Muitas pessoas optam pelo caminho mais fácil”**. Parece bem simples, mas acontecem muitos equívocos em casos como este. Até aí cremos que não haja grandes dificuldades de entendimento. Mas vamos às exceções. Observe a frase abaixo.

Quem trabalha, conhece.

Conhece é o verbo da sentença e o sujeito, aquele que pratica a ação de conhecer, é *quem trabalha*. Como esse sujeito termina em verbo, poderia haver uma confusão pois ele é seguido por outro verbo – *Quem trabalha* (verbo), *conhece* (verbo). Nesse caso é aceito o uso da vírgula, mesmo que estejamos ferindo a regra anterior separando por vírgula o sujeito e o verbo. Não usar a vírgula nesse caso também estaria correto (*Quem trabalha conhece*). Outro caso em que separar sujeito e verbo por vírgula é aceito:

As três meninas de roupa colorida que dançavam espalhafatosamente em frente ao estacionamento do estádio, sequer perceberam a confusão.

Quem é que pratica a ação de *perceber* (nesse caso, não perceber) a confusão? A resposta é: *As três meninas de roupa colorida que dançavam espalhafatosamente em frente ao estacionamento do estádio*.

Com um sujeito desse tamanho é natural que o leitor perca a conexão sujeito/verbo. Nesse caso a pausa propiciada pela vírgula auxilia na compreensão, por isso é correto empregá-la nessa situação.

Pequeno resumo:

- Não se coloca vírgula entre o sujeito e o verbo de uma oração. Mas...
- A vírgula é aceita se o sujeito terminar em verbo (*Quem trabalha, conhece*).
- ou se o sujeito constituir uma frase muito grande, que muito se distancie do verbo.

Vírgula nos vocativos. O vocativo é um recurso da língua que usamos para chamar a atenção ou pedir a presença de alguém, que pode ser real ou imaginário. Vamos a um exemplo simples:

Vem, amigo!

Vem é o vocativo, o termo usado para chamar alguém. Depois dele usamos obrigatoriamente a vírgula, caso contrário poderíamos confundir com uma construção frasal com o verbo intransitivo *vir*: *vem amigo* = Amigo vem.

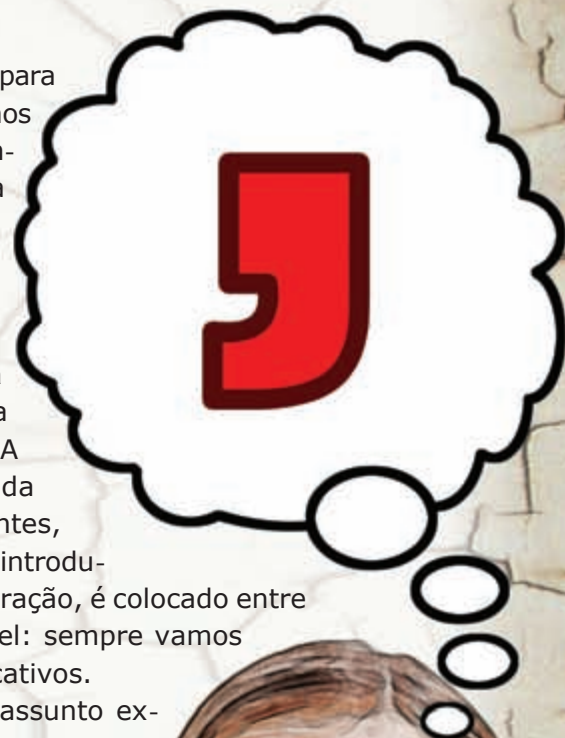
Outro exemplo: *Percebam, meus caros, o que está acontecendo*.

Nesse caso, *meus caros* tem a função de chamar a atenção para o conteúdo do que diz o falante. A introdução do vocativo no meio da sentença tende a prender os ouvintes, evitando sua dispersão. Como está introduzido numa frase, entre termos da oração, é colocado entre vírgulas. Aí vai outra regra infalível: sempre vamos empregar a vírgula depois dos vocativos.

O uso da vírgula constitui um assunto extenso, que necessita de explicações para ser bem compreendido. Por isso, nosso espaço dessa edição já está bem comprometido. Os casos abordados podem não ser muitos, mas certamente contaram com as explicações e exemplos necessários para que você pudesse aproveitar a lição. Fique tranquilo, pois na próxima edição vamos trazer aqui novos casos que vão ajudar você a dominar esse assunto e imprimir o máximo de clareza as suas redações. Terminamos com mais um exemplo de uso de vírgula no vocativo: *Até a próxima, pessoal!*

***Sandro Gomes** é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor do Jornal Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação do Jornal Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.





Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil

Maria Zilda da Cunha
Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Este livro, destinado a crianças e jovens da contemporaneidade, oferece uma fundamentação teórica extremamente sólida para a leitura, análise e crítica literária em Língua Portuguesa.



A formação e a iniciação profissional do professor e as implicações sobre a qualidade do ensino

Colaboração: Gisela Wajskop
Fundação SM – Tel.: (11) 2111-7400

A pesquisa *A Formação e a iniciação profissional do professor e as implicações sobre a qualidade do ensino* é realizada como uma contribuição da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) para o debate sobre questões fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas na área de educação.



A história azul

Júlio Emílio Braz
Roda & Cia. Editora – Tel.: (21) 3867-2319

O que poderia acontecer se o planeta sucumbisse à poluição? Depois que o destruíssemos, para onde iríamos? O que fariam os sobreviventes? *A história azul* fala de consumo exagerado, desastre ambiental, poluição. Fala dos que sobreviveram a tal destruição, mas acima de tudo da possibilidade de um recomeço daqueles que, mesmo diante da dor e do desânimo, ainda encontraram forças para acreditar em coisas tão fundamentais para o ser humano, como a fé e a esperança.



Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos

Sérgio Antônio da Silva Leite / Silvia M. Gasparian Colello
Org. Valéria Amorim Arantes
Summus Editorial – Tel.: (11) 3872-3322

Ampliar a compreensão sobre a natureza complexa e multifacetada dos processos de alfabetização e letramento de crianças, jovens e adultos na contemporaneidade é a maior finalidade desta obra. Tal objetivo é oportuno para os educadores que, empenhados em lidar com as dificuldades de seus alunos ou com os limites das tradicionais práticas de ensino, buscam alternativas para a construção de uma escola de qualidade.



O comedor de nuvens

Heloisa Pires Lima
Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Havia um tempo em que as nuvens ficavam na altura dos homens, das mulheres e das crianças. Com um céu assim tão baixinho, bastava esticar as mãos e apanhar uma nuvem cor-de-rosa ou avermelhada. Mas isso acabou quando o céu precisou fugir lá para bem alto, levando suas nuvens. Ele as protegia. De quem? Descubra, lendo esta doce história.



Coleção do Avesso

Tonio Carvalho
Imperial Novo Milênio
Tel.: (21) 2525-3936

A coleção *do Avesso* é para a garotada curtir do fim ao começo. Para ler de trás pra frente, de frente pra trás, com medo, sem medo, com uma ou com as três irmãs, com um menino e com outro também. É para olhar de fora para dentro, de dentro pra fora. Você pode também seguir Andrezinho pelo labirinto sem pé nem cabeça, sem fim nem começo...



Como se constrói a paz?

Luiz Henrique Beust / Silmara Rascalha Casadei
Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-0111

O leitor será levado a um maravilhoso e, muitas vezes, triste passeio pelas questões da guerra e da paz, conhecerá algumas das melhores contribuições da ciência, das artes plásticas, da literatura, da música, do cinema e das religiões para a convivência harmoniosa e receberá preciosas orientações para que as relações humanas no cotidiano sejam respeitadas, prazerosas e alegremente pacíficas.



Livre voo livre

Fernando Coelho
All Print Editora – Tel.: (21) 2791-1668

Livre voo livre, uma seleção de contos, crônicas, fábulas, poesias clássicas, modernas, pós-modernas e representativas das mais recentes tendências, rigorosamente de acordo com a nova ortografia oficial, representa aquilo de que sempre o autor sentiu falta em suas aulas de português. A obra é indicada para alunos a partir da sétima série do Ensino Fundamental.

Encontro ecológico

Interação entre comunidades
pela qualidade ambiental

Sandra Martins

Os bombeiros de Magé foram bastante requisitados pelos estudantes, curiosos para usar alguns dos equipamentos

Você pensa no planeta como pensa no futuro? A resposta a esta indagação, certamente, deveria ser o "sim". Entretanto, do jeito que o ser humano está se comprometendo com a sustentabilidade dos recursos naturais, este futuro pode não ser tão promissor, se formos contabilizar os atuais estragos espalhados pelo mundo. É necessário um efetivo processo pedagógico participativo e permanente que procure imprimir no educando uma consciência crítica sobre a questão ambiental. Sob esta perspectiva o Colégio Estadual Joaquim Leitão, localizado em Santo Aleixo, 2º Distrito de Magé, promoveu o II Encontro Ecológico, cujo tema foi livre, sendo abordadas as questões da fauna, flora e, principalmente, qualidade de vida.

Com um extenso histórico de trabalhos sobre conscientização da preservação do meio ambiente, em especial no próprio município, a instituição, durante todo o ano letivo, desenvolve atividades focais, como caminhadas, plantio de mudas etc. Segundo a diretora-adjunta e professora de Biologia Kátia Rejane de Farias Pinto, é preciso fomentar a interação entre as comunidades escolar e local para a promoção do conhecimento, de atitudes e de habilidades necessárias à preservação e melhoria da qualidade ambiental.

Uma das estratégias utilizadas nas atividades foi a comparação de situações antagônicas que possibilitassem autoquestionamentos, como ocorreu com o Túnel Ecológico. A experiência consistia em dois ambientes: um ecologicamente correto, cheio de plantas verdinhas, água límpida, e outro totalmente degradado, com garrafas *pet* espalhadas, lixo amontoado e água escura. O visitante teria que optar pela área que seria a ideal para suas vidas. Após passarem pelo túnel



os alunos assistiram a uma palestra com o biólogo Guilherme, da CRT, sobre a fauna da Mata Atlântica, e outra com Diogo, da Cedae, abordando os mananciais de água potável e a água insalubre.

De acordo com a professora Kátia Rejane, organizadora do evento em parceria com Eliana, uma amiga da escola, para que o trabalho de conscientização fosse mais efetivo, foi decidido que se buscava atuar com várias frentes. "Como educadores, nos sentimos na obrigação não só de rever a utilização do lixo, ou a preservação da fauna e da flora, mas trabalharmos o homem como parte integrante deste meio, mostrando sua responsabilidade na preservação e no cuidado com o meio ambiente, assim como o respeito a suas necessidades físicas, atentando para sua saúde e seu bem-estar.

Assim, decidiram expandir a segunda versão do Encontro Ecológico para além dos muros do colégio. Elaboraram um projeto que abrigasse apoios tanto no âmbito municipal, como através de parceria com



A parceria foi um dos trunfos para sensibilizar a comunidade escolar e do entorno de que todos somos responsáveis pelo planeta que habitamos



entidades não governamentais e a iniciativa privada. Desta forma, a organização contou com vários patrocinadores do comércio local e a participação de representantes da Parnaso – Parque Nacional da Serra dos Órgãos – e da Prevfogo.

Os Bombeiros do Batalhão de Magé fizeram várias exposições dos materiais utilizados nos resgates, além de demonstrações de rapel, atração mais disputada pelos estudantes. O Instituto Vital Brasil expôs variados animais peçonhentos, como aranhas, mosquitos, lacraias etc. O biólogo Guilherme, representando a CRT – Concessionária Rio Teresópolis –, que desenvolve o projeto Fauna Viva, expôs uma série de recomendações e doou mudas de plantas, camisetas e bonés.

Outro estande muito procurado foi o da Secretaria Municipal de Saúde, que propiciou aos visitantes um monitoramento da pressão arterial e da glicose. Outros parceiros que também contribuíram para que o evento fosse um sucesso foram a El Nagal, a Uerj, o Sesc, entre outros, cada um deles

apresentando um pouco das suas ações em prol de um modelo de desenvolvimento sustentável, que propõe a compatibilização de práticas econômicas e conservacionistas, com reflexos positivos evidentes junto à qualidade de vida de todos.

Entre os ilustres convidados estavam alunos de várias escolas, que recebiam informes das pesquisas feitas pelos alunos expositores – do pré-escolar ao Ensino Médio. Entre as que chamaram a atenção do público estavam o reaproveitamento do óleo de cozinha, produção de detergentes caseiros, desinfetantes (biodegradáveis) e a compostagem, processo biológico em que os microrganismos transformam a matéria orgânica, como estrume, folhas, papel e restos de comida, num material semelhante ao solo, a que se chama composto, e que pode ser utilizado como adubo. Os visitantes puderam ver também vídeos ecológicos produzidos pelos próprios estudantes, além de danças e muita música.

“Vemos nosso objetivo atingido quando observamos a coleta de lixo, nas aulas de campo. O cuidado dos jovens com o meio e com os animais que estão ali”. A professora lembra que, ao fazerem uma aula de campo no Parnaso, não houve sequer um papel no chão. Mesmo quando foram fazer uma trilha, as espécies encontradas, que se alimentavam no caminho – lagartas, quatis etc. –, foram respeitadas. “Achei superbacana a atitude dos alunos. E, o melhor, sem cobranças o tempo todo!”, afirmou animada. Kátia Rejane, entretanto, afirma que de fato há cobranças por parte dos participantes, seja de entidades governamentais ou não: “Quando vai ser o próximo evento?”.

Colégio Estadual Joaquim Leitão

Rua Waldemar Lima Teixeira, s/nº – Santo Aleixo – Magé/RJ

CEP: 25900-970

Tel.: (21) 2630-0131

Diretora-adjunta: Kátia Rejane de Farias Pinto

Fotos cedidas pela escola

Preconceito, tô fora!

Claudia Sanches

“Preconceito, tô fora!”. Esse lema é o nome do projeto que vem promovendo transformações na vida das pessoas da comunidade do Colégio Estadual Euclides Paulo da Silva, localizado em Maricá. A temática começou a ser abordada há sete anos com todas as turmas dos ensinos Fundamental e Médio.

Quando surgiu, a ideia era usar o Dia da Consciência Negra como um momento de reflexão e luta contra toda

forma de discriminação. A iniciativa partiu de alguns professores que sentiam a necessidade de tornar a escola “viva e produtiva” e apostaram no envolvimento das famílias para garantir resultados. “Contamos com os pais e responsáveis como parceiros que, como nós, também acreditavam que ainda é possível construir uma educação de qualidade. Com o passar dos anos os alunos pediam que nós elaborássemos o projeto e, então, ele foi ganhando formas variadas até chegar aos dias de hoje: algo desejado, esperado e cobrado pelos estudantes”, explica a coordenadora pedagógica Kelly Rodrigues.

As propostas dos educadores eram de conhecer o continente africano e diminuir situações de preconceito e conflito no ambiente escolar. Atualmente o programa tem também o objetivo de desenvolver para os alunos a interdisciplinaridade de forma significativa.

Para começar, cada professor ficou responsável pela orientação de uma ou duas turmas. As equipes fazem a leitura de textos relacionados com conteúdos das disciplinas, como Língua Portuguesa, Literatura, Filosofia, História, Língua Inglesa, Sociologia e Geografia. Os professores propuseram a discussão de conceitos como etnocentrismo, xenofobia, cultura e civilização. Depois da pesquisa, partem para a ação e começam a trabalhar na concepção e confecção das peças apresentadas no dia da culminância. O importante dessa divisão de tarefas, segundo Kelly, é que os



Buscando nossas raízes africanas através de muitas linguagens: literatura, filmes, coreografias, artes plásticas. Cada grupo produziu o que sabia de melhor e a produção ficou moderna e interessante. Um evento cultural para a comunidade

corpos docente e discente

veem o projeto ganhando vida e se tornando palpável.

Os professores promovem algumas atividades como ponto de partida para motivar os grupos. Os jovens vivenciam experiências diferentes, que transformam suas vidas e promovem descobertas. Os alunos leram os livros “O rei preto de Ouro Preto”, de Sylvia Orthof; “Chico Rei”, de Renato Lima; “Os gêmeos do tambor”, de Rogério Andrade Barbosa; “Olhar o Brasil e ver a África”, de Pierre Verger, e fizeram a releitura de fotografias, pinturas, desenhos, gravuras, maquetes, vídeos, exposições de utensílios e objetos produzidos em países africanos. Depois assistiram aos filmes “Malcon X”, “Um grito de liberdade”, “Escritores da liberdade” e “Besouro”. Houve também uma palestra sobre a República do Congo, com o estudante do curso de engenharia da UFF, Joël Ndomba Kabenjabu, natural do país. A comunidade escolar também participou de uma roda de leitura com a escritora Maria Regina e a artista plástica Patrícia Moura, do Centro de Cultura e Artes Canteiro de Obras.

Houve muita diversidade nas produções dos participantes. A releitura da obra “Olhar o Brasil e ver a África”, de Pierre Verger, e a criatividade dos alunos do 1º ano, que foram capazes de ambientar uma sala para expor os seus vídeos, fotos e textos, se revelaram como atitude de maturidade e compromisso com o projeto, o que chamou a atenção dos visitantes.

O Hino Nacional Brasileiro tocado pelo grupo Olodum emocionou os visitantes. As turmas do 2º ano surpreenderam com um desfile de roupas típicas africanas. A coreografia para a música "Yeah", do cantor Usher, apresentada pelos alunos Rayana Luiza Magalhães Catharino, do 9º ano, e Alexandre Rodrigues Marinho, do 7º ano, também roubou a cena no evento.

Uma tarefa que mobilizou os jovens foi a confecção de camisetas pela professora Carolina Lage, com frases escolhidas pelas turmas, como "O mundo deveria ser igual a um piano, onde o ébano e o marfim trabalham juntos", ou "O mundo julga o livro pela capa" e "A África é vista como uma capa simples e até feia, mas seu conteúdo é mais do que belo".

Na montagem da trilha sonora do dia da culminância os estudantes escolheram as músicas "Mundo negro", da banda O Rappa; "Pérola negra", de Daniela Mercury; "Mama África", de Chico César; "Lourinha Bombril", dos Paralamas do Sucesso; "As rosas não falam", de Cartola; "Carinhoso", de Pixinguinha; "O que é o que é", de Gonzaguinha e "Olhos coloridos", de Sandra de Sá.

Para os educadores, houve dois momentos importantes de superação. Os alunos Thierry Machado de Macedo, do 8º ano, e Lucas Hervano, do 1º ano, enfrentaram a timidez e apresentaram um grupo de samba para toda a comunidade escolar. "Esse número



De mãos dadas, dançando para driblar o preconceito: a equipe pedagógica e alunos trabalharam o tempo todo com a parceria dos pais. Para os jovens artistas e educadores, esse foi o segredo do sucesso do projeto



emocionou a todos, pois os jovens, que tinham dificuldade para se expressar, se sobressaíram e mostraram seu valor", lembra a coordenadora.

O projeto trouxe para a escola a discussão de questões importantes da nossa sociedade, o que tem sido incorporado ao cotidiano das pessoas, conforme relata a professora de Língua Portuguesa Rosênia da Rosa: "É incrível, mas, apesar dos meus 27 anos de magistério em sala de aula, eu ainda vibro, me emociono com cada conquista dos meus alunos, que vêm se tornando cada vez mais críticos e maduros a cada ano. O projeto não fica só na teoria, é levado para o dia a dia", garante a experiente educadora.

Para os alunos os trabalhos são uma forma de se expressar, de descobrir capacidades e multiplicar conhecimentos: "O projeto foi muito importante para a nossa escola, pois aprendemos sobre a cultura e o modo de vida de outros países e tivemos oportunidade de mostrar isso às pessoas. Muitos veem na África apenas um continente de miséria e muita pobreza, doenças e exploração. Mas ela também tem um lado bonito que merece ser mostrado ao mundo. Com o projeto, ainda aprendemos a trabalhar em grupo, a vencer o medo e a vergonha", completa Thamires Monteiro.

Escola Estadual Euclides Paulo da Silva
Rodovia Amaral Peixoto, km 21- São José do Embaiaí
- Maricá/RJ
CEP: 24900-000

Tel.: (21) 3731-2044

Coordenadora pedagógica: Kelly Rodrigues

Fotos cedidas pela escola

Camisetas panfletárias espalham o recado: o desfile de camisetas com dizeres contra a discriminação foi um sucesso, mobilizou toda a escola e ajudou a divulgar o recado



Mamãe África!

Aqui estamos nós!

Valorização da Cultura Afro-brasileira é o tema em exposição

Wellison Magalhães

O evento faz parte do calendário do Colégio Pierre Plancher há pelo menos 5 anos, e a proposta faz parte das ações de valorização da Cultura Afro-brasileira, promovidas pela instituição. Quem inaugurou este movimento foram os alunos do turno da noite, por isso eles são os “anfitriões” do encontro, que reúne, uma vez por ano, os colegas de outros turnos da escola, além de toda a comunidade escolar, que inclui pais, responsáveis e convidados dos próprios estudantes.

Segundo Ana Paula, coordenadora pedagógica do Pierre Plancher, “além da pesquisa, o projeto pretende sempre levar os alunos a descobrirem e valorizarem as raízes nacionais”. Ana Paula não esconde também o orgulho de verificar que principalmente os alunos do 3º turno, em sua maioria com mais de 18 anos, demonstram um intenso apetite pelo aprendizado e, mais que isso, um potencial, principalmente na execução dos trabalhos que foram expostos. Todos eles, diz a professora, fazem parte de um processo de avaliação de bimestre da escola.

A ideia do evento e o envolvimento de todos demonstram que falar sobre a cultura afro-brasileira é assunto estimulado entre estudantes e professores. Para Ana Paula, a relação com a direção da escola e com os docentes da instituição ajuda e muito na execução de determinados encontros. “Me surpreendeu o empenho e a participação de nossos alunos do 3º ano. Senti a preocupação de todos em dar o melhor e em fazer um espetáculo”, diz entusiasmada a diretora Sueli Soares Sampaio Pereira, que já faz planos para que o encontro não caia no esquecimento e continue por muitos anos.

Além dela, todos os professores da instituição, a animadora cultural Márcia Rita e a orientadora de Gestão da Unidade Escolar Rita de Cássia Cruz

estiveram envolvidas diretamente no encontro. Com o tema *África e Brasil – Caminhos de conhecimento/reconhecimento e valorização da cultura Afro-brasileira*, os alunos do 3º ano do turno da noite desenvolveram vários trabalhos diferentes, para tratar do tema, orientados por professores de disciplinas diversas. Em História, Geografia e Sociologia foram pesquisadas figuras negras que marcaram, com sua atuação, a história nacional e internacional, como o pastor americano Martin Luther King Jr. nos Estados Unidos, e Zumbi, no Brasil.

Além dessas matérias, a cadeira de História uniu-se a Português, Inglês e Filosofia para conduzir os estudantes a pesquisas sobre os Abolicionistas Brasileiros e figuras negras de destaque no mundo atual em diferentes áreas. Como não podia faltar, a religiosidade e os ritos africanos foram debatidos de forma criativa pelos alunos. Até comidas típicas assimiladas ao nosso dia a dia, como arroz de dendê e acarajé, foram preparadas e servidas.

Os professores de Artes, Educação Física, Geografia e a animadora cultural investiram em performances de capoeira, maculelê, estampas e cores africanas, que foram apresentadas em um desfile, arrancando aplausos e admiração dos presentes. Na ocasião, um grupo vindo de fora da escola, convidado especialmente

para esse evento, fez uma homenagem ao cantor *pop* Michael Jackson, morto em 2009. No desfile, uma inovação emocionou a todos os presentes: enquanto alunos/modelos desfilavam, uma aluna do projeto Projovem Urbano cantou à capela uma música gospel, típica das igrejas de negros americanos.

“Foi surpreendente! Percebemos que tocamos o “senso comum” de nossa comunidade, que compreende e associa a África apenas a outras religiões, esque-



A vestimenta africana tradicional – o traje usado pelos povos nativos do continente – marcou estilo entre as alunas

sendo origens e formas diferentes de seus ritos religiosos” diz Ana Paula.

Outro momento marcante foi a apresentação da Professora de Educação Física Taís de Almeida Costa, que também é instrutora de capoeira. Juntamente com os alunos da escola apresentou o jogo num ritmo e vigor que surpreendeu e fascinou a plateia, exemplificando com propriedade como a capoeira pode se remeter não apenas à luta, mas a uma dança. Para ela o trabalho foi muito proveitoso: “O destaque maior está no reconhecimento das possibilidades de produção que estes alunos do turno da noite apresentaram”, conclui a professora.

Outras disciplinas como Biologia, Química, Física e Matemática fizeram aportes, cederam tempo e orientaram a feitura de trabalhos que de outra forma não teriam ficado prontos no dia e prazo marcados. Além disso, ajudaram na organização do evento. Renan Fernandes Louro, professor de Biologia, deixou claro seu entusiasmo com a ideia de conduzir os alunos a uma renovada experimentação cultural. “Considero a valorização da cultura étnica de fundamental importância para o reconhecimento deles próprios como cidadãos conscientes das suas origens”, conclui.

Para os estudantes, mesmo aqueles com experiências de vida notadamente expostas em seus rostos, o trabalho apresentado no Pierre Plancher é ainda um fator de motivação especial. Para a aluna Maria Luiz Ferreira, de 58 anos, da turma 3003, que pesquisou o poema “Navio negreiro”, o evento foi marcante: “Achei muito lindo, embora o nervosismo tenha sido grande na hora de apresentar o trabalho. Mas fiquei encantada com tudo que vi aqui hoje, as danças, apresentações, tudo foi muito especial”. A estudante deixou claro que

Máscaras de tribos africanas foram confeccionadas pelos estudantes, ampliando a visão sobre objetos usados pelos africanos



nunca havia participando de um encontro desta natureza.

Mas este era o espírito espalhado pelo pátio da instituição onde as apresentações estavam sendo executadas, e onde todo o movimento acontecia. Outra discente, Marilsa Moraes Ribeiro, de 37 anos, destacou o trabalho de união dos alunos: “Fizemos em grupo coisas muito bonitas”, diz a estudante em suas poucas palavras. O viés do evento está dentro da proposta pedagógica da instituição, confirma Ana Paula. “Nosso intento está em sinalizar alternativas para nossos alunos através do conhecimento. O alvo é construir ou pelo menos ajudar na construção do autoconhecimento de cada um”, filosofa a coordenadora.

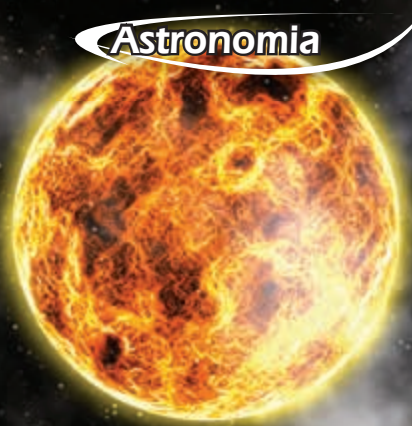
Cerca de 600 pessoas participaram assistindo, revezando-se, entusiasmados na visita aos estandes montados pelos alunos do 3º ano do Colégio Pierre Plancher, em Mesquita. A coordenadora Ana Paula Conceição acredita que esta foi uma das grandes ideias desenvolvidas pela sua Unidade Escolar, que gerou orgulho nos participantes e em seus convidados, mas principalmente no processo cultural a que todos foram submetidos. A cultura afro-brasileira teve uma noite de gala no Plancher. Homenageada, lembrada, debatida e orgulhosamente apresentada, deixou marcas concretas de um tema que nunca vai se esgotar. Ao contrário, parece renascer a cada encontro que, aqui e ali, alguém se propõe a fazer. E os alunos do Pierre Plancher fizeram.

Proibida no Brasil até 1930, a prática da capoeira, juntamente com seus berimbaus e atabaques, desperta a atenção não só pela sua sonoridade, mas, sobretudo, pelo seu estilo, que se diferencia nos movimentos e no ritmo musical



Colégio Estadual Pierre Plancher
Rua Abel de Alvarenga, s/nº – Mesquita/RJ
CEP: 26585-000
Tel.: (21) 2696-0141
Diretora: Sueli Soares Sampaio Pereira
Fotos cedidas pela escola





XII FEIRA CULTURAL

Projeto desvenda espaço através da ciência e da cultura dos povos

Claudia Sanches

Três, dois, um... E a nave do Centro Educacional Bemafa, situado em Santíssimo, visita o espaço sideral... Com essa contagem regressiva, o colégio inaugurou a mostra do projeto *Feira Cultural*, na sua 12ª edição. Os estudantes começaram o ano investigando, criando e recriando os quatrocentos anos da Astronomia. Cada turma, da pré-escola ao 9º ano do Ensino Fundamental, dedicou-se a estudar os corpos celestes e viajar no cosmos através da história da humanidade.

A abertura da XII Feira ficou por conta da professora de Artes Aline Anne, que construiu, com os alunos, um grande foguete com efeitos especiais, de onde saía um astronauta em meio a muita fumaça, dando um efeito visual espetacular, lembrando nosso grande astronauta brasileiro Marcos César Pontes.

Segundo a diretora Célia Maria de Oliveira, o foco era demonstrar uma forma mais abrangente de ver a ciência: "O trabalho deu oportunidade para as crianças, jovens e adultos experimentarem o fazer científico não só através das ciências exatas, mas também dos mitos, da literatura e da arte, e de tomarem contato com um conhecimento muito pouco divulgado", explica a educadora.

A Educação Infantil trabalhou o Sol, o astro rei "que aquece e faz crescer": "Sem o Sol seria impossível a vida existir", afirmavam as crianças durante a apresentação. As professoras Elisabete e Cléa, junto com seus pequeninos, apresentaram ludicamente os movimentos da Terra e dançaram com eles músicas temáticas.

Equipes do primeiro segmento do Ensino Fundamental exploraram a Lua como satélite natural da Terra e vários outros astros, com suas importâncias, suas colorações, seus tamanhos, composição quími-

ca dos gases, distâncias e a importância de cada um entre si. Nos estandes, apresentaram trabalhos feitos com material reciclado. Os estudantes montaram um pequeno observatório com lunetas e microscópio. Também foram projetadas muitas imagens das estrelas, astros e satélites.

As turmas do 6º ao 9º anos fizeram cálculos, observaram volumes, tamanhos, distâncias e coloração dos corpos celestes. Coordenadora pedagógica e idealizadora do projeto, Maria de Lourdes Florêncio fez um convite muito especial a seus alunos: "Vamos explorar conotativamente a Lua?". Então, fizeram "sopa da Lua", dieta tão difundida nesses tempos magros. "A Lua é dos namorados..." e aí surgiu uma bela serenata com mocinha na janela e violeiros a tocar e cantar para sua amada, resgatando com isso o romantismo tão esquecido entre as pessoas mais jovens.



O evento também promoveu espaço para experimentações.

As turmas do 6º ao 9º anos fizeram cálculos, observaram volumes, tamanhos, distâncias e coloração dos corpos celestes. As professoras Fátima e Lídia trabalharam a composição química de alguns astros e suas influências sobre a Terra, além das leis de Isaac Newton. E a gravidade foi comprovada através de experimentos com balões. Os estudantes utilizaram espelhos e corrente elétrica para demonstrar a refração da luz e o efeito de trovões e relâmpagos. Algumas equipes optaram pela apresentação de maquetes representando os astros e seus significados, além de curiosidades sobre Astrologia.

Os professores de História Abisaí e Rosana traçaram uma linha do tempo, desde os primórdios até os dias de hoje, onde apareciam registros do homem da pré-história e todas as personalidades da física e da metafísica, estudiosos que muitas vezes eram tidos como “loucos” e até tiveram suas vidas ameaçadas pela Inquisição. O professor Rodrigo, de Geografia, nos apresentou a importância e as influências dos astros sobre a Terra e os fenômenos climáticos, incluindo as formações rochosas, os vulcões, a vegetação, os mares e os ares que respiramos, e a maneira com que estamos destruindo o nosso ecossistema.

A quadra esportiva do Bemafa virou um grande “Céu”, onde os visitantes poderiam apreciar as visões do Cosmos e viver a aventura do conhecimento do firmamento através dos tempos. Segundo a diretora Célia Maria, os alunos envolveram os visitantes, pois todos trabalharam muito para que o tema ficasse mais acessível: “Eles

resgataram o verdadeiro valor e importância da Astronomia, uma ciência que se confunde com a existência humana e que é ainda tão pouco difundida em nossas escolas”, completou a diretora.

E a imaginação criou asas. Para a coordenadora Maria de Lourdes o trabalho foi muito gratificante porque reuniu toda a comunidade escolar. Os pais participaram da coleta de sucata, das oficinas de reciclagem e receberam muita informação sobre as tradições orais passadas pelas antigas gerações.

Carmen Lúcia, secretária da escola, lembrou das antigas crenças dos nossos ancestrais que chegam até os dias atuais. Os seres humanos sofrem influência direta dos astros quando, por exemplo, a gestação humana dura nove luas. O crescimento dos cabelos e das unhas também é afetado, devendo ser eles cortados na lua minguante ou crescente, o que também ocorre com certos plantios, sementeiras e colheitas e com as ondas do mar, tudo isso sendo de alguma forma regido pela força da lua.

“Sabemos que muitos desses pensamentos podem ser folclore ou crença, mas até que ponto algumas histórias têm fundamento científico? Vamos observar?”, sugeriu a coordenadora pedagógica, revelando que a ciência é feita de perguntas e não de respostas, e que muitas dessas “tradições” podem ter um fundamento.

Centro Educacional Bemafa

Rua Bombeiro Asdrúbal, 155 – Santíssimo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23010-410

Tel.: (21) 2418-8861

Diretora: Célia Maria de Oliveira

Coordenadora pedagógica: Maria de Lourdes Florêncio

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

África de todas as cores

Dono da bola, o continente africano mostra ao mundo como a diversidade pode ser um caminho para o desenvolvimento

Por Antônia Lúcia

Em junho de 2010, o segundo continente mais populoso da Terra, atrás apenas da Ásia, será o principal campo para a realização de um dos eventos esportivos mais populares do planeta: a Copa do Mundo. Marcado por sua diversidade cultural e social, étnica e política, o continente africano costuma ser figurado em cinco grupos: África Setentrional ou do Norte, África Ocidental, África Central, África Oriental e África Meridional, cujas histórias e diferenças se interligam no limiar da evolução e surgimento da espécie humana.

Antes mesmo de soar o apito do juiz, no dia 11 de junho, no primeiro jogo oficial da Copa do Mundo de 2010, a África do Sul, país mais rico e meridional da África, cujas extensões encontram-se inseridas na maior parte da extremidade sul do continente, evoca a todos os habitantes do planeta Terra a presença do espírito de determinação, luta e superação, pilares com os quais travaram batalhas, parcialmente vencidas, contra os regimes segregacionistas, a começar pelo Apartheid – sistema pautado na exclusão política, social, cultural e econômica dos cidadãos negros daquela nação.

Instaurado em 1948 e extirpado 46 anos depois, em 1994, sob a liderança do principal representante do movimento antiapartheid, o ex-presidente da África do Sul Nelson Rolihlahla Mandela, o Apartheid, hoje, não é apenas um símbolo da conquista e vitória de um povo

que sentiu nas entranhas o peso e a dor da cor da sua pele, mas um exemplo de coragem por não ter se calado frente ao poderoso sistema de separação humana. O fim do apartheid e a passagem para a democracia começaram no governo De Klerk e culminaram nas eleições de 94, quando Nelson Mandela assumiu a presidência.

Passada a névoa negra, na atualidade o que paira sobre os povos africanos, em especial entre os anfitriões da Copa do Mundo, é uma nuvem transparente, incolor, repleta de expectativa e confiança de que, unido, o país mais desenvolvido da África oferecerá ao mundo uma infraestrutura milionária, capaz de acomodar centenas de milhares de pessoas durante os trinta dias da festa da bola e do gol.

Dos 10 estádios erguidos para abrigar as 64 partidas, cinco foram construídos do zero, enquanto o restante passou por amplas reformas. O evento inicia-se com os jogos de abertura no Estádio Soccer City, em Joanesburgo. E segue nas outras sedes: Ellis Park, em Joanesburgo; Royal Bafokeng Stadium, em Rustemburgo; Peter Mokaba Stadium, em Polokwane; Mbombela Stadium, em Nelspruit; Loftus Versfeld, em Pretoria; Moses Mabhida Stadium, em Durban; Nelson Mandela Stadium, em Port Elizabeth; Green Point Stadium, Cidade do Cabo; e o Free State Stadium, em Bloemfontein.



Durban Stadium



Reformado para ser o estádio de abertura e final da Copa do Mundo de 2010, com capacidade para 104 mil torcedores, o Soccer City Stadium, em Joanesburgo, tem seu desenho inspirado na cerâmica africana. Além dos jogos de abertura e final, no estádio serão realizados mais sete jogos, num total de nove. Já o Green Point Stadium, em Cape Town, com sua cobertura retrátil, tem capacidade para abrigar 70 mil torcedores. Lá, serão realizados seis jogos da primeira fase, uma oitava-de-final, uma quarta-de-final e uma semifinal, no total também de nove jogos.

Em Durban, o estádio para a disputa nas quatro linhas é o Moses Mabhida, cuja capacidade de torcedores é a mesma do Green Point. O local será palco de sete partidas, entre elas uma semifinal. Com uma capacidade menor que os três primeiros estádios, cerca de 50 mil lugares, o Nelson Mandela Stadium, em Port Elizabeth, será sede de uma quarta-de-final e da disputa pelo terceiro lugar da Copa, totalizando oito jogos. O Loftus Versfeld, em Pretoria, com seus 45 mil lugares, acolherá jogos da fase de grupos e das oitavas-de-final da Copa, num total de cinco partidas.

Também em Joanesburgo, os 60 mil espectadores assistirão a sete jogos no Ellis Park, incluindo uma quarta-de-final. No Free State, em Bloemfontein, 45 mil torcedores deverão gritar "gol" na disputa das seis partidas ali realizadas. O novíssimo Peter Mokaba, em Polokwane, com seus 40 mil lugares, receberá em seu gramado quatro partidas da Copa 2010. Com a menor capacidade de público, algo em torno de 30 mil lugares, o Mbombela, em Nelspruit, será o cenário para a realização de pelo menos quatro partidas da competição.

Nelson Mandela Stadium



Soccer City



Free State Stadium



Royal Bafokeng



Green Point



Mascote da Copa 2010

Apresentado ao mundo em setembro de 2008, o leopardo Zakumi é o mascote oficial da Copa do Mundo de 2010. De acordo com o Comitê, o nome é uma composição da influência holandesa na África do Sul, "ZA" (iniciais de Zuid Afrikanse), que significa África do Sul, e "Kumi", do idioma Swahili, que significa "10". Além de dar as boas-vindas a todo visitante e animar os torcedores, Zakumi representa o povo, a geografia e o espírito da África do Sul. Suas cores também fazem menção ao uniforme da seleção dona da casa.

Fotos: MediaClubSouthAfrica.com/Image library/2010 Fifa World Cup: Zakumi, the official mascot



Política e História do País da Copa 2010



Fotos: MediaClubSouthAfrica.com/Image library/People

Até pouco tempo, início do século XX, falar sobre esse gigante continente africano e sua diversidade de raças, idiomas, religiões e culturas era trazer ao nosso discurso um espectro de uma região marcada pela segregação, sob a sombra de animais selvagens, passeando por toda a parte, prontos a caçar as suas presas. Na rota atual, com o endosso da Democracia na África do Sul, não podemos afirmar que a multiplicidade tenha se dissipado, até porque ela é a corresponsável pela movimentação dessa grande nação. Contudo, o que é perceptível é que os diferentes estão

aprendendo a se respeitar e conviver dentro de um mesmo raio de ação.

Para entender um pouco mais sobre a formação dos grupos étnicos dos povos sul-africanos, vamos nos embrenhar pelas savanas africanas e conhecer a história dos precursores da região, segundo os historiadores. Conta-se que os primeiros habitantes do território que hoje é conhecido por República

República da África do Sul, em números:



A maior reserva de minerais do mundo, com as seguintes porcentagens das reservas mundiais:

88% do grupo de metais da platina

83% de manganês

72% de cromo

45% de vanádio

40% de ouro

25% de diamantes

Diversos insumos minerais e agroindustriais internacionalmente competitivos.

Sofisticados mercados financeiros.

Telecomunicações de primeiro mundo e indústria de tecnologia de informação.

Rápida liberalização do ambiente comercial e de investimento.

Possui negócios muito bem desenvolvidos e infraestrutura financeira e industrial.



da África do Sul eram da etnia San e que, ao longo do tempo, juntaram-se aos Khoi-khoi, para enfim formar a linhagem da família Khoisan. Desta mistura formaram-se os povos nativos que compõem a África do Sul, todos com idiomas de origem banto: zulu, xhosa, basotho, bapedi, venda, tswana, tsonga, swazi e ndebele.

Onze idiomas: um país poliglota

A diversidade linguística na África do Sul é tão presente na sua mistura étnica, que daria para formar um time de futebol poliglota colocando em campo um representante de cada língua falada no país sede da Copa, uma vez que são onze as línguas oficiais, sem contar os dialetos locais. A língua mais falada é a zulu, seguida da xhosa e o africâner – língua com grande influência holandesa, alemã e considerada o estopim do traumático “Dia da Juventude”, comemorado em 16 de junho (saiba um pouco sobre o assunto na página 31). O inglês, língua universal, é o principal meio de comunicação, sobretudo na área do comércio e do turismo, tendo em vista a influência britânica, pois a África do Sul foi durante um determinado período uma colônia da Inglaterra.

Rede de transportes

De acordo com números projetados pelo governo sul-africano, estima-se que durante a Copa do Mundo o país receba centenas de milhares de pessoas. Calcula-se entre 400 e 200 mil pessoas. Para tanto, a rede de rodovias da África do Sul, cujo trajeto une locais da grande área metropolitana aos pequenos vilarejos, juntamente com a Spoornet — a ferrovia do governo —, e mais o Blue Train, que faz o percurso entre Pretoria e Cidade do Cabo, são algumas opções de deslocamento para se chegar aos estádios e pontos turísticos. Entre os vários preparativos para o evento está o aumento dos aeroportos e as melhorias no sistema geral de transportes, incluindo um programa de recapitalização dos táxis, a consolidação do caminho de ferro e a transformação da rede de autocarros.

MediaClubSouthAfrica.com/Image library/2010 Fifa World Cup/ Foto: Chris Kirchhoff



Vuvuzelas

Preparam os ouvidos porque na Copa da África do Sul as vuvuzelas prometem ensurdecer, literalmente, os adversários da seleção anfitriã. Típica dos estádios sul-africanos as vuvuzelas entrarão em campo como o 12º jogador. As cornetas usadas pelos torcedores durante a Copa das Confederações já conquistaram seu espaço, não só junto à torcida da África do Sul, como também com as torcidas dos outros continentes.



Foto: www.shellinsight.com/newsarticle/home/5554

Dois Prêmios Nobel da Paz

Imagine dois Prêmios Nobel na mesma cidade. Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Mas parece que na África do Sul tudo realmente é bastante diferente. Acreditem, o ex-presidente Nelson Mandela e o bispo anglicano Desmond Tutu têm muita coisa em comum. Nascidos na África do Sul, vizinhos do mesmo bairro e da mesma rua e ganhadores do Prêmio Nobel. A Vilakazi Street, rua onde viviam essas duas celebridades da Paz, é uma das mais históricas e procuradas pelos turistas de todas as partes do mundo.

A casa onde Nelson Mandela viveu e foi preso virou museu e a de Desmond Tutu ainda é o endereço de sua residência oficial.



População e geografia

O país é de maioria negra, cerca de quase 80%, o restante sendo dividido entre brancos, mestiços e asiáticos/indianos. A população sul-africana em comparação com a brasileira representa menos de 1/3 do contingente do país pentacampeão do mundo. Estima-se em aproximadamente 50 milhões de habitantes, divididos em nove províncias desde 1994. A base de sustentabilidade econômica e administrativa reside nas suas quatro principais cidades: Joanesburgo, Cidade do Cabo, Bloemfontein e Pretoria, as quais detêm, não por acaso, a administração oficial do país – governo, tribunais, presidência e parlamento. Pretoria representa o poder Executivo; a Cidade do Cabo, o Legislativo e Bloemfontein, o Judiciário. A cidade de Joanesburgo figura como a mais fecunda, responsável por 10% da produção das riquezas de todo o continente.



Fotos: MediaClubSouthAfrica.com/Image library/2010 Fifa World Cup/Football Fans

Museus



Com uma história civilizatória marcada por embates, lutas, perseguições e conquistas, a África do Sul tem a sua herança cultural retratada, acima de tudo, no olhar do próprio povo, cujo enredo está registrado nos materiais espalhados pelos muitos museus e centros culturais das metrópoles sul-africanas. Incluem-se nessa ampla lista a Galeria de Arte da África do Sul, na Cidade do Cabo; o Museu do Apartheid, em Joanesburgo; o Museu Nacional de Literatura Inglesa, em Grahamstown; o Monumento Afrikaanse Taal (museu de línguas), em Paarl; o Robben Island, onde o ex-presidente Nelson Mandela passou 18 dos 27 anos em que viveu aprisionado; e o Museu Barberton e a casa Bertram, na cidade do Cabo.





Economia: mineração, comércio e agricultura

Atualmente a economia da República da África do Sul é considerada a mais avançada da África, bem como o turismo, visto como um dos nichos mais promissores da região. Mas nem sempre foi assim. Durante anos o país viu-se imerso em severas sanções econômicas impostas por outros continentes. Entretanto, a partir de 1990, com a libertação de Nelson Mandela e mudanças no regime de governo, inicia-se o processo de inserção da África do Sul no cenário Internacional. Desfrutando de uma economia bastante diversificada, a indústria de minério ocupa a lista do *ranking* na escalada ao crescimento e desenvolvimento do país, respondendo, segundo fontes locais, por um terço do PIB – Produto interno Bruto –, além de possuir um terço do urânio mundial, metade do ouro, dois terços dos diamantes e cerca de 10% das reservas estimadas de petróleo.

No comércio, as indústrias de transformação exportam, principalmente, produtos de ferro e aço, papel e celulose, produtos químicos e alimentícios. Na agricultura, o milho é o número 1 no *ranking* das exportações e, ainda na agricultura, a uva vem se consolidando e fomentando o crescimento da indústria de vinho. O acesso aos oceanos Atlântico e Índico, como via natural de deslocamento entre a Europa, a África, a América e a Oceania, é um diferencial na localização privilegiada da República da África do Sul, uma vez que otimiza suas relações comerciais com esses pares. Todavia, mesmo com todo esse cenário de crescimento e desenvolvimento, os índices de desemprego ainda permanecem altos, favorecendo a expansão do mercado informal.



Turismo *in natura*

Capital da aventura do mundo, pela gama de diversidade natural oferecida pela savana africana, parques, reservas naturais, variedades de pássaros, répteis, anfíbios, primatas, ruminantes e seus representantes nativos, os *Big Fives* (leão, leopardo, elefante, rinoceronte e búfalo), grupo dos cinco animais mais selvagens, a África do Sul identificou nessas e em outras atrações um dos principais setores econômicos, em potencial de crescimento para ajudar a reduzir a pobreza, o desemprego e elevar, ainda mais, o nível das políticas econômicas.

De acordo com o anuário 2008/2009, para cada 12 novos turistas que visitam o país, um novo emprego é criado. O turismo de negócios ganha destaque, com sua riqueza de atividades que vão desde passeios em elefantes até a visita ao Sun City, um dos maiores resorts do mundo, podendo-se transitar ainda por excursões a cidades e vilarejos com grandes atrações culturais. Segundo o relatório, o agradável clima, a paisagem deslumbrante, as belas praias, os museus e os hectares de campos, passando pelo maior *bungee-jumping* do mundo, são fatores indispensáveis ao incremento desse setor.

Soma-se a toda essa riqueza natural o Parque iSimangaliso Wetland, na região de Sterkfontein, Swartkrans; Parque uKhahlamba Drakensberg; Mapungubwe – “lugar da pedra da sabedoria”; a Região Floral do Cabo; Vredefort Dome (Cúpula de Vredefort) e a Paisagem cultural e botânica de Richtersveld, considerados Patrimônio Histórico Cultural.



Aids

Expandindo-se a passos largos entre a comunidade africana, a Aids é vista atualmente como uma ameaça ao continente. Estima-se que em 2025 a população diminua para a casa dos 35 mil habitantes, como consequência da expansão da epidemia. Segundo dados da OMS (Organização Mundial de Saúde), nos países como Zâmbia e África do Sul, cerca de 20% de toda a população adulta e jovem encontra-se contaminada com a doença; em Botsuana, cerca de 39% da população entre 15 e 49 anos está infectada, e em Lesoto e Zimbábue o percentual é de 20%.

Violência

Estupros, assassinatos, agressões, homicídios são alguns dos mais sérios problemas vividos pela massa sul-africana. Ocupando o primeiro lugar em morte por arma de fogo, no homicídio involuntário,

na violação e na agressão, e o segundo lugar em homicídio e quarto em roubo, o *ranking* dos altos índices de violência no país pode impedir, ou diminuir, a chegada de centenas de milhares de turistas ao país no período da Copa do Mundo.



Culinária

Repleta de influências multiculturais, suas receitas variam entre carnes, pães, doces, tortas, linguiças, espetos e arroz colorido, incluindo até feijoada – um pouco diferente da brasileira –, e o tradicional churrasco.

Contudo, a base de sua culinária continua sendo a carne vermelha. Mas que tal uma porção de grilos fritos regados a um bom vinho local? Pratos exóticos como esse ainda mantêm seu *status* na gastronomia da África do Sul, não só pela peculiaridade, mas, também, pelo seu excentrismo.



África do Sul revela nossos antepassados

“Australopithecus Sediba” foi o nome escolhido pela equipe de cientistas para batizar os fósseis de antepassados do homem encontrados na África do Sul. Em perfeito estado de conservação os dois esqueletos parciais hominídeos têm entre 1,78 e 1,95 milhões de anos. De acordo com o professor Lee Berger da Universidade do Witwatersrand (África do Sul), líder da equipe de investigação, supostamente os esqueletos pré-históricos seriam de mãe e filho, por apresentarem traços de um jovem macho entre 10 e 13 anos e outro de uma fêmea adulta com cerca de 30 anos. Já considerado, por muitos, como o achado científico do século XXI, pela possibilidade de oferecer à humanidade respostas sobre a evolução humana e sobre o surgimento do *homo sapiens*, esses fósseis podem ser um elo para desvendar o ponto a partir do qual todo o gênero homo teria surgido.



As imagens são cortesia da Universidade de Witwatersrand e o Instituto para a Evolução Humana

Australopithecus Sediba

Lee Berger com o crânio Juvenil

Levante de Soweto ou Dia da Juventude

A manifestação pacífica dos estudantes negros de Soweto em protesto contra a imposição do governo ao ensino da língua materna dos brancos – o Afrikaans ou Africâner –, para eles o símbolo do Apartheid, deu origem ao feriado celebrado em 16 de junho, conhecido como “Dia da Juventude” ou, para muitos, o Levante de Soweto. Cantando e marchando em direção a um estádio onde seria realizado um comício, os estudantes negros não conseguiram finalizar a sua marcha. Bombas de gás lacrimogênio e tiros disparados por policiais brancos interromperam a caminhada dos jovens negros, para marcar o fim do Apartheid. A foto de Mbuyisa Makhubo carregando o corpo do seu amigo de 13 anos de idade, Hector Petersen, morto durante a manifestação, transformou-se num marco na luta dos estudantes pela liberdade na África do Sul.



http://www.gutenberg-e.org/ohlandt/mcormickarchive/detail/DSCN0000 - Photograph by Sam Nzima, 1976

Primeira fase		GRUPO A	
11/06/2010	11:00	África do Sul	X México
11/06/2010	15:30	Uruguai	X França
17/06/2010	15:30	África do Sul	X Uruguai
18/06/2010	8:00	França	X México
22/06/2010	11:00	México	X Uruguai
22/06/2010	11:00	França	X África do Sul

Primeira fase		GRUPO B	
12/6/2010	8:30	Argentina	X Nigéria
12/6/2010	11:00	Coreia do Sul	X Grécia
17/6/2010	11:00	Grécia	X Nigéria
17/3/2010	15:30	Argentina	X Coreia do Sul
22/6/2010	15:30	Nigéria	X Coreia do Sul
22/6/2010	15:30	Grécia	X Argentina

Primeira fase		GRUPO C	
12/6/2010	15:30	Inglaterra	X Estados Unidos
13/6/2010	8:30	Argélia	X Eslovênia
18/6/2010	11:00	Eslovênia	X Estados Unidos
18/6/2010	15:30	Inglaterra	X Argélia
23/6/2010	11:00	Eslovênia	X Inglaterra
23/6/2010	11:00	Estados Unidos	X Argélia

Primeira fase		GRUPO D	
13/6/2010	11:00	Alemanha	X Austrália
13/6/2010	15:30	Sérvia	X Gana
18/6/2010	8:30	Alemanha	X Sérvia
19/6/2010	11:30	Gana	X Austrália
23/6/2010	15:30	Gana	X Alemanha
23/6/2010	15:30	Austrália	X Sérvia

Primeira fase		GRUPO E	
14/6/2010	8:30	Holanda	X Dinamarca
14/6/2010	11:00	Japão	X Camarões
18/6/2010	11:00	Holanda	X Japão
18/6/2010	11:00	Camarões	X Dinamarca
24/6/2010	15:30	Dinamarca	X Japão
24/6/2010	15:30	Camarões	X Holanda

Primeira fase		GRUPO F	
14/6/2010	15:30	Itália	X Paraguai
15/6/2010	8:30	Nova Zelândia	X Eslováquia
20/6/2010	11:00	Eslováquia	X Paraguai
20/6/2010	15:30	Itália	X Nova Zelândia
24/6/2010	11:00	Eslováquia	X Itália
24/6/2010	11:00	Paraguai	X Nova Zelândia

Primeira fase		GRUPO G	
15/6/2010	11:00	Costa do Marfim	X Portugal
15/6/2010	15:30	Brasil	X Coreia do Norte
20/6/2010	15:30	Brasil	X Costa do Marfim
21/6/2010	8:30	Portugal	X Coreia do Norte
25/6/2010	11:00	Portugal	X Brasil
25/6/2010	11:00	Coreia do Norte	X Costa do Marfim

Primeira fase		GRUPO H	
16/6/2010	8:30	Honduras	X Chile
16/6/2010	11:00	Espanha	X Suíça
21/6/2010	11:00	Chile	X Suíça
21/6/2010	15:30	Espanha	X Honduras
25/6/2010	8:30	Chile	X Espanha
25/6/2010	8:30	Suíça	X Honduras

Outro momento ímpar se deu com a palestra “Das leis abolicionistas à lei de cotas” a cargo de Roosevelt e Wallace Camargo. Levar um tema polêmico e emergente – gerador de arrebatadas argumentações pró e contra a acessibilidade de grupos minorizados pelo sistema de reserva de vagas em universidades públicas – para uma escola de classe média foi bastante instigante, até porque a clientela da instituição é basicamente branca, e nem por isso houve apatia, mas sim um envolvimento dos alunos. Até porque esta medida também os atinge, já que boa parte destas pessoas entra para uma universidade pública.

“Elas se esforçam bastante e de repente veem vagas divididas, o que causa um estranhamento grande com relação a esta política de cotas”, disse Wallace. Entretanto, ele ressaltou que o mais importante em todo o processo é que, independente de serem contra ou a favor, os alunos discutiram o processo histórico da construção deste acesso à universidade, como ele se dá, e de que forma vai desembocar em considerações sobre as origens de processos de exclusão. Assim como a própria sociedade teve que dar visibilidade à questão racial no Brasil, que é muito velada, como o racismo. “A nosso ver, já existia uma cota de 100% para brancos nas universidades públicas, e trabalhamos isso de uma maneira diferente, polemizando mesmo”, disseram.

Incitada a se posicionar a respeito do tema, Maria Masello afirmou que o país precisa, antes de tudo, de uma escola básica de qualidade que atenda a todos, principalmente a classe popular. Assim, sendo cumprida esta obrigação do Estado, não haveria necessidade de cotas na universidade, porque aí todos estariam participando de igual modo. Não devemos ter vergonha do mérito. “Como bem disse o professor Wallace, os alunos estudam muito, se preparam desde a mais tenra idade. Os pais pagam, alguns com mais facilidade, mas outros com muito sacrifício, porque optaram em dar uma boa educação para seus filhos. Isso deveria ser tarefa do Estado. A diretora pedagógica lembrou que sua interferência no dia da palestra foi por conta



Com a ajuda do Patinho Feio, os pequenos refletiram sobre exclusão e segregação



Pró ou contra as ações afirmativas, o que importa é o rico debate

da provocação feita pelos dois professores. “Amei a colocação dos dois e, principalmente, a paixão que eles imprimiram à fala”.

Também se manifestando sobre a questão, o professor Marcio Araújo, de Geografia, ressaltou que não se pode construir uma casa pelo telhado; tem que se começar pelo alicerce, sem deixar evidentemente de lado todos os argumentos verdadeiros, concretos. Mas, polêmicas à parte, Maria Masello afirmou que o tema foi incorporado ao conteúdo da Sociologia, abordando desde a abolição da escravidão até a substituição dessa mão de obra pelos imigrantes, incluindo a ocupação dos morros cariocas. Saíram da questão do preconceito para atingir a exclusão econômica. Conseguiram com isso estabelecer relações entre as cotas e os vários outros mecanismos de exclusão do racismo. “Fizeram, inclusive, alusão à polêmica história da construção de um muro ao longo da Linha Vermelha: para os docentes “um muro segregacionista”.

Com relação a esta percepção das limitações do espaço geográfico, o professor Rafael Felipe Ferreira se propôs a trabalhar com a urbanização, com o tema “O Rio de Janeiro em 1910: uma cidade urbanizada”. Ele tentou mostrar aos alunos de que forma a construção do espaço urbano e a sua transformação podem seguir um modelo segregacionista. Principalmente no contexto da reforma de Pereira Passos, no início do século XX, uma forma de separação aeroespacial dentro de um conceito mais amplo. Na época, a ideia era inserir a cidade no modelo de capitalismo global, em que não cabiam os pobres daquela região. Entretanto, o que se viu, na verdade, foi uma exclusão dos menos providos, a classe menos abastada. “Então, os alunos tiveram uma aula sobre segregação étnica, direta, socioeconômica, e viram como o espaço também reproduz as políticas segregacionistas”.

Para fazer um *link* com a contemporaneidade, Rafael Felipe ilustrou sua fala com o próprio bairro da Ilha do Governador, que congrega Jardim Guanabara como modelo de urbanização planeja-

da, com áreas bastante arborizadas, em contradição com o Jardim Carioca, o Tauá ou o Cocotá, localidades com alta densidade demográfica criadas sem qualquer planejamento e com inúmeros problemas urbanos. Rafael Felipe salienta que até mesmo o microclima é diferenciado, devido à arborização ou mesmo pela sua ausência. "Não nos prendemos tanto às datas e personagens, mas ao processo de remodelar os espaços urbanos, que era segregacionista. Esse objetivo era tão intenso que os cortiços foram derrubados e, apesar de serem insalubres, as pessoas não tiveram outras opções de moradia. A mesma história se repete agora. "Vamos desabitatar as encostas. O espaço vai ser transformado. E para onde vão levar as pessoas?", questiona o professor.

Segundo o professor Rafael Felipe, fazer a IV Semana de Ciências Sociais foi um desafio. "Falei com a Vera Lúcia: com a Semana, a gente arruma um problema e uma satisfação. É muito trabalhoso pela carga de leituras e pesquisas, que correm em paralelo às aulas; mas de grande satisfação por podermos ver o trabalho sendo desenvolvido". Outro que primou pelo prazer de trocar informações foi a dupla de professores Mário, de Matemática, e Roberto José, de História, este último um estudioso da própria história de João Candido e a Revolta da Chibata, disse Vera Lúcia Carvalho, ao ressaltar que os dois mestres se igualaram pelo conhecimento. Um pelo conhecimento acadêmico e outro mais pela vivência e pelo interesse sociológico.

Também tema emergente e recorrente é: "A questão judaica e palestina, se haveria uma convivência possível ou não", tratado pelo professor Márcio Moreira. Pela abrangência do tema e para não suscitar pré-concepções errôneas, o docente optou por trabalhar em cima dos fatos. Até porque eles teriam a visita do senhor Aleksander Laks, da organização "O Sobrevivente". Houve um desdobramento em sala durante duas ou três semanas. A receptividade foi tão grande que o professor se disse "sugado" pela profusão de perguntas e o manancial de informações que os estudantes levaram como dúvidas. O tema é pauta da mídia nacional e internacional, e os alunos comentaram que ficavam desinteressados por não entenderem do assunto. No extenso cardápio de informações constam Oriente Médio, política, preconceito, radicalismos extremos tanto da parte do Licud como do Hamas e Israel *versus* Hizbollah.



Mais do que matéria decorada que cai na prova, alunos e professores experienciam os melhores momentos dos pequenos

"Nossos alunos do Ensino Médio têm muita curiosidade, mesmo para assuntos populares. Sem nenhuma pressão, eles procuravam informações para os debates. Eles demonstram uma capacidade crítica bastante aguçada", afirmou Maria Masello. Ela lembrou que o próprio deslocamento dos alunos para a sala de reuniões onde aconteciam as palestras, em geral com professores que não eram os deles, já trazia um movimento de entusiasmo. Para o bom desempenho das atividades, todos os recursos tecnológicos disponíveis na escola foram liberados para uso dos docentes, como o *datashow* e o quadro interativo. O importante, segundo a diretora pedagógica, é que o trabalho não é apenas uma aula diferente, pois há toda uma circulação de ideias e comportamentos naquela semana.

E é nesta perspectiva de conscientização que as turmas de 4º ano também participaram da *IV Semana de Ciências Sociais*. As professoras Cristiane Coelho e Mônica Vaillant desenvolveram o tema a partir de "O patinho feio: os contos infantis e o preconceito". Elas trabalharam as noções de preconceito e exclusão e representaram o sentimento de alguém que chega a um novo lugar, o mesmo que ocorre com o patinho feio. As professoras confeccionaram máscaras e as crianças fizeram uma dobradura na qual escreveram alguma coisa relacionada ao preconceito. Segundo Maria Masello, a própria palavra "preconceito" em si quase não foi usada. Foi todo um trabalho de conscientização a partir da história do Patinho Feio.

Usando as palavras dos Parâmetros Curriculares, de Competências e Habilidades, a diretora Masello lembrou o quanto é importante para o jovem de hoje a conscientização sobre valores, e finalizou afirmando que, em todos os projetos, uma das principais preocupações da equipe pedagógica é a construção do cidadão.

Escola Modelar Cambaúba
 Rua Cambaúba, 101 – Jardim Guanabara – Ilha do Governador
 Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 21940-005
 Tel.: (21) 2462-4818
 Diretora Pedagógica: Maria Masello Leta
 Fotos cedidas pela Escola



Os professores se revezavam em diversas abordagens

Mais desempenho e melhor imagem para seus professores

Sua equipe de professores também pode ter esse perfil de atleta de alto desempenho, ao seguir estas sete estratégias

1. Ajude-os a montar uma imagem positiva de si mesmos

Seus professores somente serão tão bons quanto eles acreditam ser. E é muito fácil se desestimular. Faça com que eles se concentrem nas realizações positivas, nas vitórias de cada dia. Um aluno que melhorou sensivelmente seu aprendizado, um projeto que deu certo. Que tal fazer uma reunião mensal num local descontraído (pode ser uma pizzeria), onde sua equipe possa relembrar tudo o que aconteceu de positivo no mês e o quanto a escola evoluiu?

2. O pensamento é o fundamento

Ensine ao seu pessoal a magia das frases e afirmações positivas, bem como dos ensaios mentais. Começar o dia pensando "Que bom, vou dar aula para tal turma" é muito melhor do que levantar da cama dizendo "Droga, lá vou eu enfrentar a sala do Paulinho do fundão". Mude a maneira como você vê as coisas, enfoque o lado positivo e seu humor melhorará. Logo em seguida, os fatos começarão a se transformar. Veja o mundo cheio de oportunidades, não de restrições; prosperidade, não pobreza.

3. Estabeleça objetivos estimulantes e positivos

Esses objetivos não devem ser apenas aqueles profissionais, que você e sua equipe estipulam para o final do ano. Devem também ser pessoais. Onde cada professor quer estar daqui a cinco anos? Faça com que eles planejem e sonhem.

4. Estimule o contínuo aprendizado

Cada professor deve aprender tudo o que puder sobre a profissão, habilidades, princípios, alunos, técnicas de ensino, outras escolas e como tudo isso se integra numa coisa só. Mais conhecimentos levam a mais descobertas. Novas descobertas conduzem à sabedoria.

5. Mantenha os olhos abertos

Um professor só pode se melhorar e manter o pensamento positivo se prestar atenção constantemente a certos fatores (e isso vale para todos na escola, começando pelo diretor). Mantenha os olhos e ouvidos abertos e veja o que está certo e o que falta melhorar em relação a:

Você mesmo
Seus alunos
Seus objetivos
Seu tempo
Sua escola e o que os alunos e pais pensam dela
Suas habilidades e atitudes

6. Reconheça e mostre sua equipe

Uma das coisas que mais apresenta resultados na performance de uma pessoa no trabalho é saber que a direção se importa com ela e reconhece o bom trabalho desenvolvido. Por isso, esteja sempre com a porta aberta para ouvir professores e outros funcionários da escola. Todos têm algo a dizer que é importante para a pequena sociedade que está sendo construída ali (toda instituição de ensino, toda empresa, é uma pequena sociedade, com regras escritas e não escritas. Alguns vão mais longe, descrevendo escolas como seres vivos).

Esteja a par de tudo o que está sendo feito e mostre orgulho pelas iniciativas apresentadas. Se for fazer alguma peça publicitária, pense em colocar seus professores ou citá-los com destaque. Eles são a sua escola. E, quanto mais reconhecidos, mais incentivados se sentirão para ousar e buscar meios de ministrar aulas melhores.

7. Sonhe alto

Se quiserem obter grandes resultados, você e seus docentes têm de pensar grande. Você precisa "acreditar" grande, agir grande e, talvez, mais importante do que tudo, trabalhar – trabalhar muito para adquirir novas habilidades e desenvolver as que você já tem. Sua escola só será tão grande quanto o sonho de seus professores. Então estimule-os a ter uma visão de futuro, de algo bom que será construído ali, naquela instituição de ensino. Imaginem-se referência de ensino, um local onde os alunos são felizes. E trabalhem para realizar o sonho.

Isso nos leva a uma questão interessante. Você e sua equipe realmente querem trabalhar duro para tornarem-se os melhores na profissão? Quanto tempo, energia, esforço e cansaço você está disposto a ter e investir?

Não existem atalhos para o sucesso em sala de aula.

Esforce-se: Chame isso de tenacidade, energia, determinação ou visão; não importa. É necessário ter essa característica e fazer acontecer.

Obs.: Matéria extraída da Revista Profissão Mestre

Fonte: <http://www.profissaomestre.com.br/php/verMateria.php?cod=2441>, em 19/05/2010.

Saúde

PREVENIR A HIPERTENSÃO É UMA ESCOLHA. **SÓ DEPENDE DE VOCÊ.**



Ande de bicicleta, suba escadas, saia para dar uma volta, desça uma parada de ônibus antes da sua, pratique atividade física. Coma frutas, verduras e legumes, diminua o sal, tenha uma alimentação saudável. Controle o seu peso, procure uma unidade de saúde ou o seu médico e meça sempre a pressão.

Fazendo isso, você combate a hipertensão e faz a sua escolha: uma vida mais saudável e com mais qualidade.



MAIS DICAS EM WWW.EUSOU12POR8.COM.BR



Ministério da Saúde



Quais os sintomas da hipertensão arterial ou pressão alta?

A maioria das pessoas com pressão alta não apresenta nenhum sintoma no início da doença. Por isso, ela é chamada de "inimiga silenciosa". A única forma de saber se a pressão está alta é medindo-a regularmente. Os sintomas atribuídos ao aumento da pressão são: dor de cabeça, cansaço, tonturas, sangramento pelo nariz, entre outros.

A HIPERTENSÃO ARTERIAL OU PRESSÃO ALTA NÃO TEM CURA, MAS TEM CONTROLE. O TRATAMENTO DEVE SER REALIZADO POR TODA A VIDA.

Importante: Controle seu peso, procure uma unidade de saúde ou o seu médico e meça sempre a pressão.



Programa
Saúde 10
Appai

"Inove seu estilo de vida"

Professor, viva seus momentos com melhor qualidade de vida. Agende a sua avaliação com a Equipe interdisciplinar que é 10.

Higienização

Pasta Dental / Escova Dental

Escova Dental

A higienização adequada é muito importante para a preservação da saúde bucal e deve ser iniciada antes que os primeiros dentes apareçam na boca, ainda no bebê. Higienizar a boca do bebê com gaze umedecida, após aleitamento ou uso da mamadeira e, principalmente, antes de dormir. Quando o primeiro dente aparece na boca, a higienização deve ser feita por meio de escovação.

Fio Dental

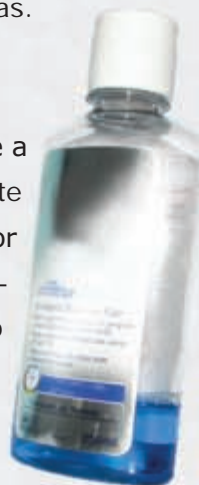
O fio dental é necessário na higienização bucal, uma vez que limpa as regiões entre os dentes, abrangendo até a área que está sob a gengiva, onde a escova não tem acesso. É importante usá-lo corretamente, de forma delicada, para não ferir a gengiva.

Escovação

É importante que os pais controlem a escovação de seus filhos, sendo necessária a supervisão contínua. A escovação deve ser feita às principais refeições e deve-se dar atenção especial à escovação noturna, pois, nesse período, a ação bacteriana é mais intensa. Os resíduos alimentares que não forem removidos permanecerão por muitas horas em contato com os dentes, favorecendo o desenvolvimento da cárie. A escovação da língua é necessária pois ela acumula resíduos alimentares, contribuindo para a disposição de bactérias.

Flúor

O flúor é um elemento químico que previne e impede a progressão da doença cárie, pois deixa a estrutura do dente mais resistente. O flúor pode ser usado de duas formas: por ingestão (água de abastecimento) ou através de aplicações locais, por meio da escovação, bochechos e aplicação tópica (indicada apenas pelo cirurgião-dentista).



Técnica de Higienização

Com a escova levemente inclinada em direção à gengiva, faça movimentos circulares, limpando dente por dente.



Escove o lado de dentro e o lado de fora de todos os dentes.



Na parte de cima dos dentes, faça movimentos de vai e vem.



Limpe também sua língua, escovando-a delicadamente.



No final, passe o fio dental, tomando cuidado para não machucar a gengiva.



A visita periódica ao cirurgião-dentista, a cada seis meses, é uma medida de prevenção à cárie, doença periodontal, má oclusão e outros problemas bucais que podem levar à perda precoce dos dentes. Desta maneira, estaremos evitando tratamentos dentários dispendiosos e garantindo a manutenção da saúde bucal.

Saúde Bucal: O direito é de todos, o dever é seu!

Programa e Concurso de Promoção da Saúde

Saara D. D. M. Zandonari

Fonte: <http://www.crosp.org.br/saudebucal/2006/Saude%20Bucal.pdf>, extraído em 10/5/2010.

Concurso de Redação forma escritores

Edição de livro ajuda alunos a reescreverem as páginas de suas vidas

Claudia Sanches

Escrever um livro é sempre emocionante. No caso das turmas do 6º ano da Escola Municipal Padre José Maurício, localizada em Guaratiba, o feito teve um gostinho mais especial. A ideia da edição do livro "A princesa e o ladrão" foi um desafio que veio com o I Concurso de Ilustrações e Redações.

Seguindo uma realidade crítica vivenciada por boa parcela dos educandos de Norte a Sul do país, pode-se constatar a falta de interesse pela leitura e o baixo rendimento na produção de textos. Esse, de acordo com o professor de Língua Portuguesa Adriano Oliveira, era o triste retrato das turmas. "Os grupos tinham dificuldade de construir narrativas de forma coerente e coesa. Em meio a esse cenário senti a necessidade de estimular os alunos a conhecer o mundo da escrita", relata.

Aliar a arte gráfica à escrita para superar dificuldades e motivar o prazer pela leitura foi a estratégia para modificar o quadro. A inspiração para a criação do projeto de Adriano e da professora de Português Raquel Hava estava na própria criatividade dos seus estudantes revelada nas artes gráficas. "Nossa ideia inicial era só trabalhar com texto, mas, observando as habilidades dos alunos para a ilustração, resolvemos contemplar esses dotes para atingir esse grupo", conta Adriano.

A partir desse gancho os educadores abordaram as turmas do

6º ano com a proposta de promover o concurso. Os jovens aceitaram o desafio e, já no primeiro momento, começaram a estudar a estrutura da composição narrativa de vários gêneros discursivos como fábulas, pequenos romances e crônicas. Em seguida formaram equipes de até quatro integrantes para escrever. Segundo as regras do concurso, os textos tinham que ser baseados nas normas observadas nas aulas de português, como pará-

Imagem e palavra: educadores aproveitam a criatividade e habilidade no desenho para trabalhar a produção textual

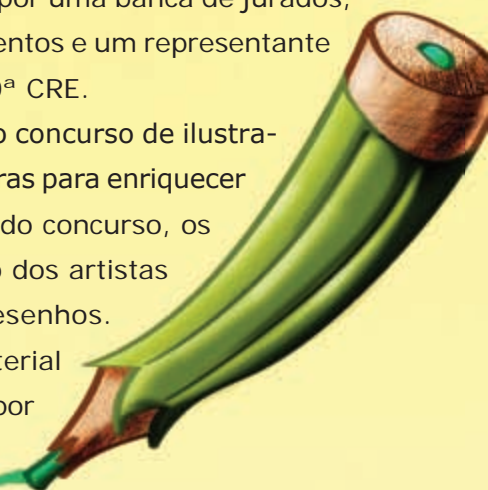
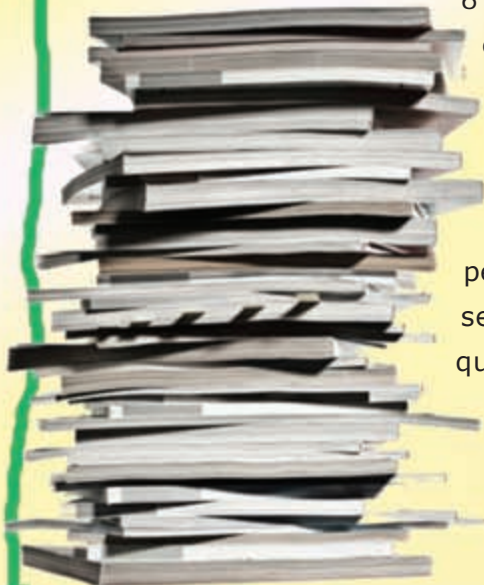
grafos, pontuação, o uso dos travessões, letras maiúsculas, ortografia, coesão e coerência.

Os produtos finais eram submetidos à avaliação dos professores de Português, que corrigiam e aprovavam para as etapas seguintes. Assim, os participantes tinham de reconstruir suas produções de acordo com as observações e, também, a partir

de novos critérios. As redações passaram por várias avaliações até serem escolhidas, assim como os finalistas, que tiveram seus textos impressos em um livro e avaliados por uma banca de jurados, constituída por professores dos dois segmentos e um representante do apoio administrativo da escola e da 10ª CRE.

Após a seleção dos finalistas, abriu-se o concurso de ilustrações. Os interessados tinham que criar figuras para enriquecer o enredo dos colegas. Durante as etapas do concurso, os educadores acompanharam o entusiasmo dos artistas no desenvolvimento das redações e desenhos.

"Observamos, além do cuidado com o material produzido, a preocupação com a recepção por





No dia da culminância os alunos tiveram o orgulho de apresentar o livro editado e os trabalhos das equipes para toda a comunidade escolar

produção de textos autênticos”, comemorou a diretora, que contou com apoio do diretor Francisco de Assis Cerqueira.

Patrick Souza de Abreu, Emiliano Muniz Guerra e Lucas dos Santos Miranda, autores de “A princesa e o ladrão”, relataram que o projeto não só lhes ajudou a desenvolver a escrita, mas principalmente as ideias. Patrick, um dos vencedores do concurso, afirma que gostou de trabalhar em equipe, pois a troca de informações sobre o tema e conteúdos de gramática entre os colegas foi o que mais contribuiu para o seu amadurecimento como estudante e pessoa, além de contar também um pouquinho de suas próprias histórias.

“Eu e meus colegas ficamos muito felizes pela vitória. O que mais me marcou foi a felicidade de meus pais e a oportunidade que o colégio nos proporcionou de descobrir nossos talentos”, completou o aluno.

parte de outros colegas e dos leitores. Assim aconteceu com Gabriel Guedes Dutra, vencedor da ilustração “A princesa e o ladrão”, que, por várias vezes, se questionou quanto ao fato de o seu desenho estar ajudando a contar a história e de os colegas – os autores do texto – estarem satisfeitos com seu trabalho”, completou a coordenadora pedagógica Christiane Carvalho Teixeira.

A culminância do evento contou com a presença dos funcionários da escola, dos pais e de representantes da 10ª CRE. As obras-primas foram lidas pelos próprios autores, e na sequência houve a apresentação das ilustrações, o julgamento, a premiação, a sessão de autógrafos, a entrega dos exemplares e o coquetel simbólico. Um deles foi entregue à 10ª CRE e outro à biblioteca da escola. O primeiro livro a ser escrito no colégio vai enriquecer o acervo e retratar a realidade daquela comunidade.

Segundo a diretora Cátia Regina o projeto cumpriu o objetivo da educação, que é o de tornar a escola um espaço aberto para o desenvolvimento das habilidades artísticas do aluno e formar cidadãos. “Essas atividades valorizaram o potencial dos nossos estudantes, de tal modo que se promoveu o prazer pela leitura e pela



A coordenadora pedagógica Christiane entre os alunos Patrick e Emiliano: ilustrador e escritor do livro comemoram entre amigos a vitória da escola

Escola Municipal Padre José Maurício
Rua da Orquestra, s/n – Guaratiba – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23035-385

Tel.: (21) 2404-5429

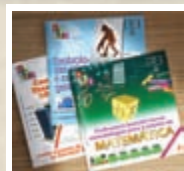
Diretor: Francisco de Assis Cerqueira

Fotos cedidas pela escola



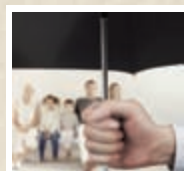
Professores

Estes são os benefícios para os filiados da Appai



Jornal Appai Educar

(Veículo Técnico de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Acidente Pessoal Coletivo

(Invalidez)



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Jurídico



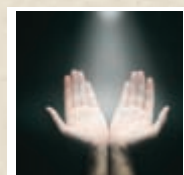
Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro de Vida em Grupo

(Morte e para algumas doenças graves)



Assistência Funeral

ANS - Nº 38254-0

Médico Ambulatorial Básico Coletivo* (sem internação)

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

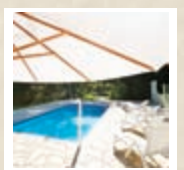
Odontológico Ambulatorial Básico Coletivo*

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais):



Plano Hospitalar Coletivo



Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

**Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

**A opção do desconto em folha estará disponível apenas para os órgãos ou entidades que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

* Nas localidades e nos limites dos benefícios disponibilizados pela Appai